

CARTA DO
LiBANO

**RUBENS
HANNUN**

O HOMEM QUE
APROXIMOU
O BRASIL DOS
PAÍSES ÁRABES

Parlamentares
descendentes
de libaneses se
mobilizam para
encontrar meios de
auxílio ao Líbano

**CARLOS
MELLES**

NOS PEQUENOS
NEGÓCIOS,
O MELHOR
DO BRASIL

**Família
Imperial**

A FALA
DO TRONO

A doação do
acervo da
família Duailibi

NOVA JOIA
NA CASA ÁRABE



Telefone

(12) 3663-3887



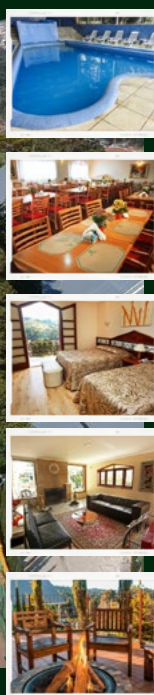
WhatsApp

(12) 3663-3577



www.nacionalinn.com.br

reservas@nacionalinncampos.com.br



SOLICITE SUA RESERVA DIRETAMENTE COM O HOTEL E GARANTA TARIFAS ESPECIAIS!



O Castelo mais charmoso de Campos do Jordão



Telefone

(12) 3662-5950



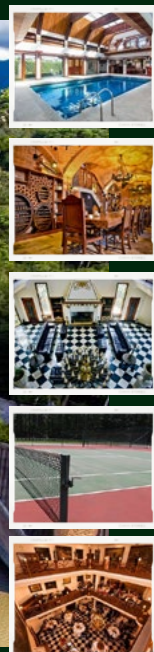
WhatsApp

(12) 3663-4338



www.nacionalinn.com.br

reservas1@castelonacionalinn.com.br



CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL

FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
ROSE LANE CÉSAR

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3129.2971

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
CARLOS MELLES
FOTO
DIVULGAÇÃO

ELES FIZERAM A DIFERENÇA

Aos poucos caminhamos para a retomada da vida normal, mesmo tomando os cuidados necessários porque a pandemia ainda não acabou. Com a proximidade do final do ano e novas perspectivas para 2022, o mundo dos negócios se movimenta e mostra resiliência. Assim, essa edição de Carta do Líbano celebra a personalidade e a memória de homens que marcaram e marcam presença na economia, política e sociedade.

Traçamos o perfil do mineiro Carlos Melles, presidente do Sebrae, que afirma que o melhor do Brasil está nos pequenos negócios. Uma joia de cultura e civilização, o valioso acervo da família de Roberto Duailibi - com mais de 1.500 itens - acaba de ser entronizado na biblioteca da Câmara de Comércio Árabe Brasileira, na avenida Paulista - o grande corredor cultural do País. Por falar na Câmara de Comércio, o empresário Rubens Hannun, deixou a presidência da entidade este ano, deixando um legado de aproximar o Brasil aos negócios do mundo árabe.

Comemorando seu jubileu de rubi como herdeiro da coroa brasileira, o príncipe dom Luiz Gastão de Orleans e Bragança fala da importância da admiração de seu trisavô, o imperador dom Pedro 2, pelo Líbano.

Em Brasília, senadores saem em defesa do acordo de livre comércio entre Líbano e o Mercosul. Além de lançar a ideia de um fundo privado de ação humanitária para auxiliar a Terra dos Cedros em sua atual crise financeira e política.

A memória do advogado e professor Camillo Ashcar revela um homem com profunda consciência religiosa e impecável vida pública, para as novas gerações.

E Abdallah Georges Sleiman, pioneiro da expansão imobiliária em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, marcou seu nome na história e no desenvolvimento da Cidade Morena.

Boa leitura



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

SUMÁRIO

ANO 27 • NÚMERO 183 • 08&09.2021

CARTA DO
LÍBANO



42

6 | Cartas

8 | Capa

Dos antepassados árabes ele herdou a garra para enfrentar desafios. De sua Minas Gerais natal, cultivou o espírito de conciliação. Como político brasileiro, Carlos Melles tem como objetivo o desenvolvimento humano para o bem da nação

18 | Cultura

A doação do acervo da família Duailibi, realizada este ano, representa um importante registro histórico da imigração para o Brasil

24 | Empreendedor

Rubens Hannun deixou a presidência da Câmara de Comércio Árabe Brasileira este ano. Durante sua gestão, os países árabes deixaram de ser o quinto e se tornaram o terceiro principal mercado para as exportações brasileiras e, mesmo durante a pandemia, ele ampliou as fronteiras da instituição para o mundo

32 | Entrevista

Por ocasião de seu jubileu de rubi como herdeiro da coroa imperial brasileira, entrevistamos dom Luiz Gastão de Orléans e Bragança. Além de discorrer sobre o movimento monárquico no País, ele lembra da admiração de dom Pedro 2, seu trisavô, pelo Líbano e os laços que ligam as duas nações

38 | Artigo

Fundado em honra ao imperador, o Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, mantém-se como tradicional pilar do ensino e da educação no País

42 | Diplomacia

Parlamentares descendentes de libaneses se mobilizam para



08

encontrar meios de auxílio para os que enfrentam a maior crise de sua história

48 | Memória & Diáspora

Movido por seu amor pelo Direito e pela profunda consciência religiosa, o professor Camillo Ashcar deixou um legado social, político e espiritual que se projeta até hoje - em seu centenário - e além

54 | Memória & Diáspora

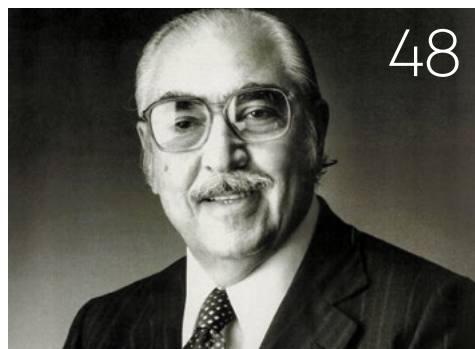
Um relato emocionado em homenagem a Michel Tuma Ness, o Michelão, personagem marcante do setor turístico nacional e fundador do lendário Clube do Feijão Amigo

58 | Memória & Diáspora

Carta do Líbano lembra o empresário Abdallah Sleiman que foi chamado "turco louco" - por acreditar no desenvolvimento da Cidade Morena - e deixou sua marca no mercado imobiliário. Hoje sua memória é saudada como a de um dos responsáveis pelo progresso da região



32



48



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0186 • CONTA CORRENTE 09161-7

CARTAS

O protagonismo da mulher árabe

“Com muita satisfação não só aceitei participar da edição “Mulheres Inspiradoras”, para a Carta do Líbano, como também tive a grata satisfação em ver a publicação completa, trazendo mulheres de várias gerações participando com determinação, alegria e competência na construção da vida social, econômica, cultural e pública no Brasil, país que acolhe uma das maiores diásporas de libaneses no mundo.



Em um momento quando as mulheres se empoderaram e ganham espaço, a revista acertou em dedicar suas páginas contando um pouco da trajetória das libano-brasileiras, mostrando o quanto a comunidade reconhece e ressalta a importância da participação feminina na sociedade. Com isso, Carta do Líbano rompe com o estereótipo da mulher árabe submissa, construída por uma visão distorcida do Oriente. Esse protagonismo feminino faz jus ao legado de mulheres libanesas que ainda no século 19 mostraram sua força, como May Ziadeh, Zainab Fawwaz e Salima Abi Rached, dentre tantas outras. Que as futuras gerações continuem a se inspirar nas mulheres de ontem e de hoje, pois a força dos Cedros está presente na formação dessas mulheres que fazem toda a diferença tanto para o Brasil quanto para o Líbano. Parabéns ao editor Fouad Naime.

Muna Omran
Rio de Janeiro, RJ



Dr. Edmo Atique Gabriel

Cirurgião cardiovascular e palestrante

Atendimento premium nas cidades de São José do Rio Preto, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Contatos:

e-mail: dredmogabriel@gmail.com
Site: doutorgabrielcardio.com.br
Instagram: @edmoagabriel
Blog: edmoatiquegabriel.com.br



Dr. Edmo Atique Gabriel

CIRURGIÃO CARDIOVASCULAR

CRM - SP 105226 • CRM - RJ 105984-0 • CRM - DF 22775 • CRM - MS 5936 • RQE 36567

Carlos Melles discursa durante evento da Confederação Nacional da Indústria, em São Paulo



CARLOS MELLES

NOS PEQUENOS NEGÓCIOS, O MELHOR DO BRASIL

Dos antepassados árabes ele herdou a garra para enfrentar desafios. De sua Minas Gerais natal, cultivou o espírito de conciliação. Como político brasileiro, Carlos Melles tem como objetivo o desenvolvimento humano para o bem da nação

FOTOS: DIVULGAÇÃO



1. Carlos Melles, com os pais e irmãos, durante sua formatura em 1972.
2. Melles na Universidade Federal de Viçosa, onde formou-se em agronomia na década de 70.
3. Ao lado da esposa, Marilda Petrus Melles.
4. Com os irmãos, Carmem, Carmo e Camilo.
5. Carlos Melles com a esposa Marilda, os filhos - Cristiano, Maria Pia e Caio - noras e netos



No dia 4 de agosto de 2020, Carlos Melles, presidente do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), finalizava uma importante reunião remota no final da manhã - avaliando com sua diretoria o benefício do auxílio emergencial frente ao impacto da pandemia do novo Coronavírus sobre os pequenos negócios - quando recebeu a trágica notícia da explosão que acabara de ocorrer em Beirute, capital do Líbano.

Com o semblante já carregado em função dos desafios impostos pela pandemia, Melles conta que sentiu um vazio no peito ao assistir às fortes imagens e ver a comoção mundial provocada pelo desastre bem como a solidariedade para com o povo libanês.

Naquele momento, foi inevitável não vir à sua mente memórias de seus antepassados, imigrantes

sírios que enfrentaram enormes desafios ao ter de deixar a pátria em busca de novas e melhores oportunidades de vida em terras distantes. Seu avô, Carmo Elias Antônio veio com os irmãos para o Brasil, nos anos 1890, fugindo da pobreza e dos conflitos políticos no Oriente Médio, então dominada pelo Império Otomano.

“Meu avô vivia em al-Mazinah, cidade do Vale dos Cristãos (‘Wadi al-Nasara’ em árabe), na região do rio Orontes. O lugar costumava ser atração turística popular antes do início da atual guerra civil na Síria - com o Mosteiro de São Jorge, o castelo dos Cruzados Krak des Chevaliers e o santuário da Senhora do Vale em al-Nasirah.

ENTRE O COMÉRCIO E AS LAVOURAS DE CAFÉ

Diferente de outras correntes migratórias, os sírios e libaneses não vieram para trabalhar na lavoura, começando a vida, em sua maioria,

“O Café para mim sempre foi uma missão de vida”, define Melles, que atuou como dirigente cooperativista durante quase 30 anos à frente da Cooparaiso, em Minas

como mascates”, diz Melles. O Brasil era uma nova república e atravessava a primeira fase de urbanização e industrialização, um ambiente propício para os novos negócios. Sírios e libaneses encontraram nas cidades um local para a criação de indústrias e o estabelecimento de casas de comércio.

“Vovô seguiu para o sudoeste de Minas, no município de São Sebastião do Paraíso, onde fixou residência e abriu comércio no distrito de Guardinha, na fronteira com o estado de São Paulo, próximo a Altinópolis e Ribeirão Preto. A economia daquela região estava em crescimento, graças à florescente lavoura cafeeira e à expansão da rede ferroviária”, explica Melles.

Mas se a saudade da terra natal era grande, não era menor o sentimento de acolhida que esses primeiros imigrantes receberam. “No caso de meu avô, o comércio do ‘Sô Carmo’, apelido carinhoso da freguesia, tornou-se um ponto de encontro. E a vida floresceu, a partir do pequeno comércio em que meu pai, Antonio Carmo Melles, fazia mascate a cavalo, percorrendo grandes distâncias e cultivando amizades de uma vida inteira”, pontua.

Da loja que vendia de tudo um pouco em tecidos e armarinhos, Melles conta que a família partiu para a atividade rural. Seu pai constituiu família e se dedicou à uma vida de trabalho. Primeiro como produtor de leite, fornecedor de queijo e ovos e negociante de gado; depois plantando o futuro em torno da lavoura cafeeira.

Naquele momento, o menino Carlos Melles corria e brincava pelas plantações de café e, mais tarde, formou-se engenheiro agrônomo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), além pesquisador em café, estabelecendo uma bem-sucedida carreira profissional na Epamig

e Embrapa. “O Café para mim sempre foi uma missão de vida”, define Melles, que atuou como dirigente cooperativista durante quase 30 anos à frente da Cooparaiso, implantando um reconhecido modelo de gestão que se tornou referência na Fundação Getúlio Vargas.

O POLÍTICO CONCILIADOR

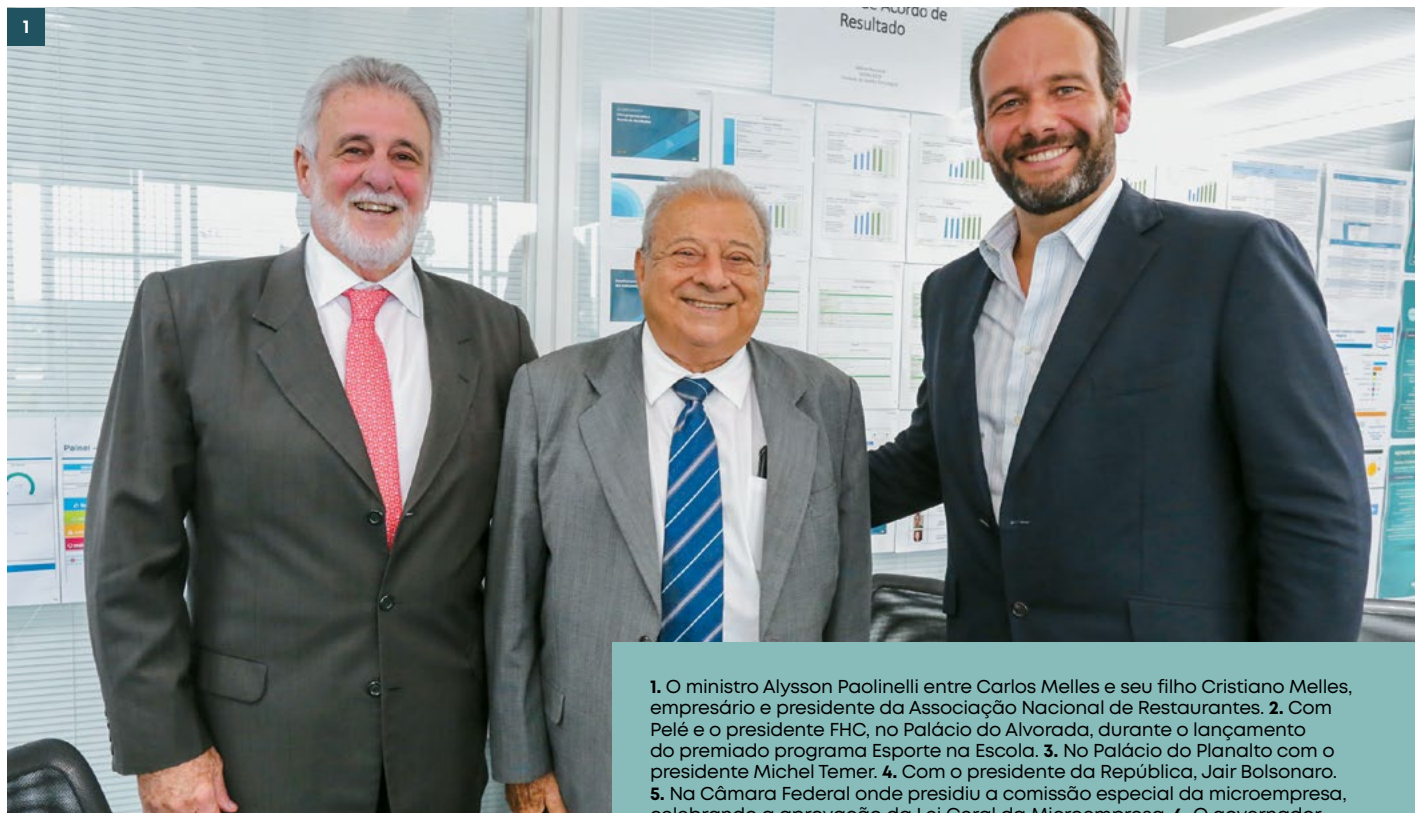
Em 1994, Carlos Melles seguiu para Brasília, colocando o espírito empreendedor aguerrido herdado dos antepassados árabes a serviço de novas lutas e conquistas. Durante seis mandatos consecutivos como deputado federal, ele ficou conhecido, sobretudo, pela habilidade de conciliar. Conquistou confiança e credibilidade exercendo importantes funções no Congresso Nacional.

Já no segundo mandato, foi escolhido como relator do Orçamento Geral da União para o ano 2000, uma das funções de maior responsabilidade no Parlamento. Cumpriu com excelência a missão, apresentando à Nação uma peça orçamentária que contemplava investimentos sociais e de infraestrutura. Presidiu a Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional e as frentes parlamentares do Cooperativismo e do Café. Mais recentemente, foi relator do Projeto de Lei Complementar Crescer Sem Medo e da criação da Empresa Simples de Crédito (ESC), duas iniciativas de favorecimento dos pequenos negócios.

Em 2000, durante o segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, Melles deu um salto político ao ser convidado para integrar a competente equipe ministerial da época, na pasta do Esporte e Turismo - vitrine que lhe deu considerável exposição pública, consolidando sua imagem política nacional. Como ministro aprovou medidas que estabeleceram



Como deputado e secretário estadual de transportes e Obras Públicas, Melles deixou um legado formidável na construção e recuperação de rodovias e aeroportos



1. O ministro Alysson Paolinelli entre Carlos Melles e seu filho Cristiano Melles, empresário e presidente da Associação Nacional de Restaurantes. 2. Com Pelé e o presidente FHC, no Palácio do Alvorada, durante o lançamento do premiado programa Esporte na Escola. 3. No Palácio do Planalto com o presidente Michel Temer. 4. Com o presidente da República, Jair Bolsonaro. 5. Na Câmara Federal onde presidiu a comissão especial da microempresa, celebrando a aprovação da Lei Geral da Microempresa. 6. O governador Antonio Anastasia e Carlos Melles. 7. No Vaticano, ao lado de sua esposa Marilda, recebe a bênção apostólica do papa João Paulo 2



políticas públicas relevantes que impulsionaram o esporte e o turismo. É da gestão de Melles, por exemplo, o vitorioso programa Esporte na Escola, a preparação do Brasil para competições esportivas internacionais e o Prodetur - programa para desenvolvimento do turismo regional.

Em depoimento em vídeo, o presidente FHC resumiu: “Carlos Melles foi um dos melhores colaboradores que tive quando fui presidente da República. É um homem raro, um desses que o Brasil não pode perder”.

ALMA MINEIRA E CORAÇÃO ÁRABE

O caráter conciliador e harmonizador de servir na política é um destino inevitável na família Melles. A esposa de Carlos Melles foi a primeira prefeita do município de São Sebastião do Paraíso e, mesmo sem experiência na vida pública, aceitou o chamado das lideranças locais, realizando uma administração que se tornou um case em gestão municipal.

Além de deputado multitarefa e do excelente desempenho como ministro, a versatilidade parlamentar de Carlos Melles foi testada mais uma vez em 2011, ao ser convidado pelo então governador Antônio Anastasia para assumir a Secretaria de Transportes e Obras Públicas, uma das principais pastas do governo mineiro. No cargo, Melles revelou-se audacioso ao enfrentar grandes desafios.

Implantou um inovador modelo de gestão estratégica, executando programas e projetos de melhoria para os transportes terrestre e aeroviário, além de obras públicas e desenvolvimento urbano em todo o estado. O governador Anastasia declarou: “É um líder incontestável, conhece como poucos Minas Gerais e não tenho dúvidas de que foi uma escolha acertada. Apesar dos desafios, todas as determinações e o planejamento que havíamos previstos para a pasta foram cumpridos”.

De volta ao Congresso, Melles realizou um trabalho de grande envergadura, especialmente

“É a crença profunda no Brasil e na sua gente que me move. Vamos superar a crise atual e retomar os dias de avanço, com muita esperança e tenacidade”, conclui Melles

para as micro e pequenas empresas e para os setores de educação e saúde. Para isso contou com o apoio e visão de estadista do presidente Michel Temer, de quem é amigo há muitos anos.

Administrador objetivo e de resultados, mas igualmente uma figura carismática e acolhedora, Carlos Melles se emociona ao falar de gente. Foi assim em 2018, na Missão da Câmara Federal, que esteve na Síria, onde iniciou o roteiro pela cidade de Maalula, que estava sendo reconstruída depois de um ataque do Estado Islâmico, em 2013.

Ali, o político conta ter sido abraçado pela comunidade cristã, onde predomina o aramaico, a língua de Jesus. Ele se lembra da visita a uma Igreja Ortodoxa Grega de Antioquia, na companhia dos deputados Paulo Abi Ackel, Esperidião Amin e Arlindo Chinaglia, quando o grupo se emocionou ao rezar o Pai Nosso em aramaico, depois de ouvirem relatos dos desastrosos efeitos da guerra civil sobre a população.

RUMO AO MOMENTO PÓS-PANDEMIA

Desde abril de 2019 Carlos Melles é presidente do Sebrae, porém antes disso ele já era conhecido pelo empenho na área do empreendedorismo. Ao longo das duas últimas décadas, o segmento das micro e pequenas empresas absorveu o melhor das suas energias, como demonstra sua atuação na criação das duas mais importantes legislações que beneficiaram o segmento durante o período.

Presidiu a comissão especial da Câmara dos Deputados, cujos trabalhos levaram à aprovação da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas, em 2006. Pouco depois, em 2009, exerceu a função de relator nos procedimentos da Câmara para criação da figura dos microempreendedores

individuais, os MEI. Graças à atuação de Melles e de um grupo obstinado de parlamentares, o Brasil dispõe da mais avançada legislação do mundo no segmento. Melles afirma: “Os pequenos negócios são portadores das melhores chances para o desenvolvimento do Brasil, com redução das desigualdades sociais e regionais”.

Trata-se de uma causa que tem o Sebrae na liderança, solidamente implantado nas 27 unidades da federação, com 1.800 pontos de atendimento. Cerca de 6.500 funcionários, altamente preparados, prestam serviços diariamente para capacitação e treinamento de empreendedores, com as mais diferentes necessidades no comércio, nos serviços, na indústria e no agronegócio.

Essa experiência acumulada deu a Melles a firmeza e a serenidade para conduzir o Sebrae em um dos mais difíceis momentos da história brasileira, o enfrentamento da pandemia de Covid-19 que castigou duramente os pequenos negócios.

Com rapidez, o Sebrae elaborou protocolos de segurança para dezenas de atividades e trabalhou intensamente para salvar vidas, garantir a saúde e amortecer o impacto econômico negativo causado pela crise sanitária.

A instituição participou das articulações que conduziram à concessão do Auxílio Emergencial, beneficiando diretamente os MEI, à ampliação do acesso a crédito, com o Pronamp, e à sobrevivência para muitas empresas com o programa BEM, que permitiu redução da jornada de trabalho e salários nas empresas.

“É a crença profunda no Brasil e na sua gente que me move. Vamos superar a crise atual e retomar os dias de avanço, com muita esperança e tenacidade”, conclui Melles. ■



1. Ainda jovem com o governador mineiro e vice-presidente da República, Aureliano Chaves, momento em que fez a defesa do café.
2. Em São Paulo, na entrega do Prêmio Mário Covas aos prefeitos empreendedores

NOVA JOIA NA CASA ARABE

**A doação do acervo da família Duailibi,
realizada este ano, representa um importante registro
histórico da imigração para o Brasil**

Um importante marco para a história da imigração árabe no Brasil agora está na Câmara de Comércio Árabe Brasileira. Trata-se do acervo da memória da família do publicitário Roberto Duailibi, uma doação que contempla mais de 1.500 itens, entre livros, fotos, mapas, documentos e áudios. Os documentos registram não só a história dessa família, mas dos libaneses e dos imigrantes árabes que chegaram ao País. A entrega do material foi oficializada em um encontro para poucos convidados no dia 14 de setembro, na sede da entidade, localizada na avenida Paulista.

O acervo passa a fazer parte da Casa Árabe, um centro de desenvolvimento institucional e cultural das relações entre árabes e brasileiros, integrado à Câmara Árabe. Inicialmente, todos os itens foram incorporados à biblioteca da Câmara, já que por enquanto a Casa Árabe funciona apenas virtualmente. As instalações da Câmara Árabe foram desenhadas pelo arquiteto Ruy Ohtake e a biblioteca

será reformulada para a nova missão de abrigar os registros dos Duailibi, que serão disponibilizados em breve para consulta pública.

O presidente da Câmara, embaixador Osmar Chohfi, enfatizou a importância dessa doação para toda a comunidade. “Cuidaremos (desse acervo) com o mesmo carinho que Roberto a ele dedicou. Procuraremos torná-lo acessível a descendentes que buscam informações sobre suas origens, estudiosos e acadêmicos brasileiros e estrangeiros, e a todos que se interessam por conhecer algo de uma civilização milenar que tantas e tão expressivas contribuições deu à cultura, às ciências e às humanidades no mundo”, destacou.

Roberto Duailibi, um dos mais importantes publicitários brasileiros, criou uma das maiores e mais premiadas agências de publicidade brasileira, a DPZ - Duailibi, Petit e Zaragoza. Também é professor, sociólogo, palestrante, autor de livros que foram marcos na história da publicidade nacional e membro da Academia Paulista de Letras. O embaixador Chohfi o descreveu como um símbolo da comunidade de origem libanesa e árabe no Brasil. “O sucesso de



O acadêmico Roberto Duailibi e o embaixador Osmar Chohfi, presidente da CCAB com a placa que registra a doação do acervo da família Duailibi

FOTOS: CCAB



Acima, convidados ao evento e amostra das obras inéditas do acervo Duailibi

Roberto e de sua família é o nosso sucesso também porque projeta o que de melhor puderam trazer os libaneses, sírios e árabes em geral para o progresso da sociedade brasileira”, disse o presidente.

UM NOVO LAR PARA O ACERVO

A incorporação dos registros da família Duailibi é uma importante conquista para o registro da história da imigração árabe para o Brasil e para a Casa Árabe. Esse feito contou com a participação fundamental de Rubens Hannun, que presidiu a Câmara até abril de 2021. “Fui cliente do publicitário Roberto Duailibi durante muito tempo. Eu trabalhava na Rhodia e a agência dele, a DPZ, cuidava da conta da empresa. Uma vez ele me chamou para almoçar e me contou sobre o seu acervo e me convidou para conhecê-lo. Falou da intenção de doar o material para dar continuidade a essa história. E eu falei a ele sobre o viés cultural da Câmara e da Casa Árabe. Fomos conversando até que ele decidiu fazer a doação. Fizemos uma reunião e envolvi a nova diretoria, para que isso realmente ocorresse”, recorda Hannun.

A doação aconteceu pois o apartamento em que Duailibi guardava o acervo pessoal tornou-se pequeno para abrigá-lo. As tratativas foram iniciadas na gestão anterior da instituição, com o então presidente Hannun - amigo de infância do publicitário - e prosseguiram com o atual presidente, Osmar Chohfi, com quem Roberto descerrou a placa que agora indica a presença do acervo na biblioteca. Segundo Duailibi, o entusiasmo pela ideia de receber o arquivo revelado pelos líderes da Câmara Árabe pesaram na escolha do novo destino. O publicitário manteve no apartamento apenas as esculturas, que também contam um pouco da história da imigração árabe no Brasil.

A MOÇA CHAMADA “DUAILIBE”

O recolhimento do material ao longo dos anos foi encabeçado pelo publicitário em um projeto nomeado “Centro de Estudos FamilyD”. Na cerimônia de doação, ele falou sobre a origem da iniciativa. Um dos primeiros insights veio da história que o seu irmão contava, de ter conhecido uma moça de sobrenome Duailibe, com “e”. “Ficamos curiosos por saber onde estavam os outros Duailibi. Há o entendimento de que todos os Duailibi - Duailib, Dawalibi, Daulibi ou com outras grafias - partem da mesma origem”, justificou.

“ Trata-se do acervo da memória da família do publicitário Roberto Duailibi, uma doação que contempla mais de 1.500 itens ”

Além do encontro com a Duailibe, outros dois fatores levaram ao projeto. Ainda antes do advento da internet, o publicitário estudava o conceito de redes sociais na Escola de Sociologia e Política. “Quantas pessoas você deve conhecer para estar em contato com alguém que lhe interessa?”, perguntou ao explicar falar sobre o conceito de rede na época. Somado a isso, a DPZ precisou fazer um levantamento da lista de passageiros do primeiro voo São Paulo-Rio de Janeiro da companhia aérea VASP. “Isso me estimulou a fazer a mesma coisa com a família. Onde eles estão, como vieram, que tipo de parentesco tinham entre si?”, detalhou Duailibi.

O primeiro passo foi enviar um pequeno questionário para os Duailibi que conhecia. “Resolvi colocar em prática aquilo que tinha aprendido na Escola de Sociologia e Política”, contou. Aí começou a ser formada toda uma rede familiar. Na sequência, passou a adquirir livros sobre a história do Líbano, Síria, Oriente Médio e árabe em geral. Também conseguiu mapas e realizou entrevistas em áudio com os primeiros Duailibi que chegaram ao Brasil. Assim, o acervo cresceu dentro de um apartamento na capital paulista.

Movido pela curiosidade afetiva e pelo desejo de se reconectar com o passado, unindo as pontas soltas que ainda restam sobre a história da imigração árabe no País, Duailibi deu início a uma pesquisa pessoal sobre seus ascendentes libaneses. Há mais de 40 anos, criou um grande polo de pesquisas sobre a história e os caminhos da família Duailibi no Brasil, sob o nome de Family D.

Com o passar do tempo o projeto passou a ser procurado não apenas por quem compartilhava do mesmo sobrenome, mas por descendentes de libaneses que procuravam o Centro de Estudos

da Imigração em busca de registros familiares. O trabalho realizado pelo Centro tornou-se referência, assim como o acervo do publicitário, composto por mais dois mil itens.

“A intenção era fazer um livro, mas aí apareceu a internet e ficou muito mais fácil fazer um site”, relata Duailibi. No site FamilyD é possível encontrar iconografia, notícias, vídeos, relatos dos imigrantes e descendentes, fotos, árvore genealógica e muito material sobre a história da família e dos árabes. A pesquisa foi além das fronteiras do Brasil, incorporando ao acervo também o registro dos Duailibi de outros países.

“Fazem parte dos documentos e materiais doados uma série de livros e mapas, que contam a trajetória de uma região estratégica para o mundo, que foi dominada pelos otomanos, pelos turcos, pelos bizantinos, depois pelos franceses, pelos ingleses e até uma parte pelos norte-americanos”, chama atenção o publicitário.

Duailibi decidiu pela doação para a biblioteca da Câmara do Comércio Árabe Brasileira porque entendeu que, de todas as instituições, é a que possui mais recursos para manter um acervo como esse. “O segundo motivo foi o fato da Câmara estar na avenida Paulista que é hoje, mais do que nunca, o grande centro cultural latino-americano”, reconheceu o publicitário durante o evento que oficializou a doação. “É importante que os registros dessa memória estejam próximos, porque é isso que nos torna cidadãos do mundo”, destacou.

SÍMBOLO DA COMUNIDADE

Durante o agradecimento ao publicitário e família, o presidente Osmar Chohfi declarou: “Podemos dizer que Roberto Duailibi é um renascentista, um homem cujo talento e cuja curiosidade intelectual o projetou no conjunto do cenário da cultura e da economia do Brasil”.

Para Chohfi, o publicitário também se sobressai por sua qualidade humana. “Generosidade impar, lealdade aos amigos, abertura ao diálogo construtivo caracterizam uma personalidade que todos admiramos e saudamos. Tudo isso o transforma em um símbolo da comunidade de origem libanesa e árabe no Brasil, este país que nos acolheu de braços abertos e permitiu que florescessem nossas aptidões, dando-nos oportunidades e caminhos abertos para a

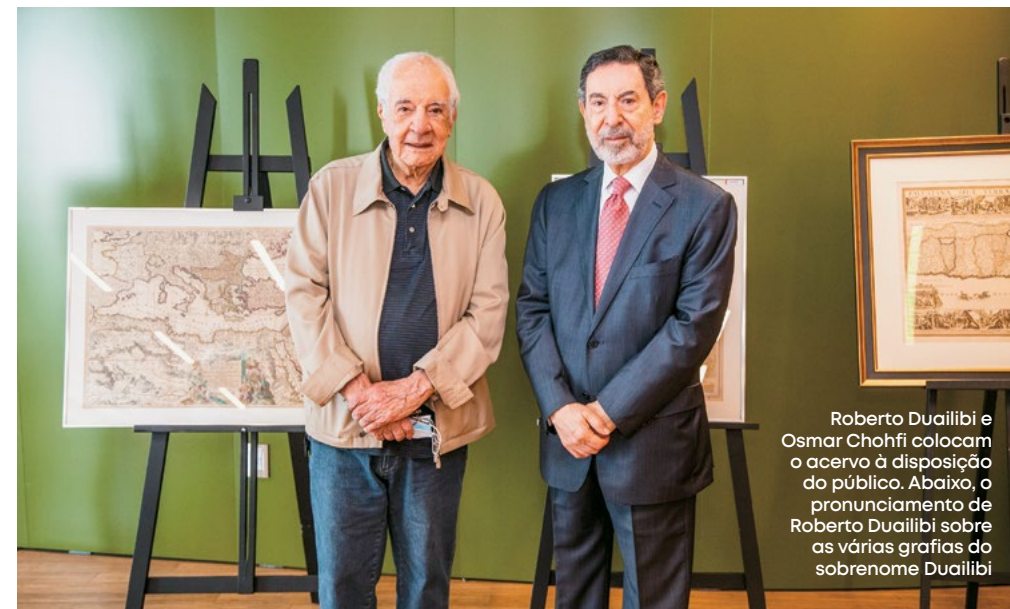
“ Fazem parte dos documentos e materiais doados uma série de livros e mapas, que contam a trajetória de uma região estratégica ”

afirmação pessoal e profissional”, ressaltou.

O embaixador Chohfi lembrou que Líbano e Brasil deram início a uma história comum em meados do século 19, quando os primeiros imigrantes chegaram ao país em busca de paz e oportunidades. Falou das viagens do imperador dom Pedro 2 ao Oriente Médio, que despertaram na região o interesse por esse país longínquo nas Américas, terra tão sonhada por aqueles que, no resto do mundo, aspiravam por realização pessoal e prosperidade para suas famílias.

Desde então, o Brasil e os países árabes mantêm um relacionamento de cooperação, admiração e respeito mútuos. “Nutrimos a mais profunda simpatia e admiração por esse povo libanês, que consegue se manter criativo e resiliente frente a adversidades e desafios. Atualmente, há quase 12 milhões de árabes e descendentes vivendo no Brasil, incluindo os oriundos do Líbano, que confirmam a maioria. É necessário recolher os registros remanescentes ou informações acerca de suas origens, da árvore genealógica, das tradições das cidades e vilarejos de seus antepassados e, até mesmo, da grafia original de seus sobrenomes”, observou.

A diretora cultural da Câmara, Silvia Antibas, ressaltou a generosidade de ambas as partes: “É muito generoso da família doar e é muito generoso da Câmara Árabe receber”, declarou. E reafirmou que o objetivo final é tornar o acervo disponível a todos. “Livros transmitem arte, cultura e conhecimento e não devem ficar trancados em uma estante”, lembrou. O material também deve ser digitalizado como parte do projeto de Digitalização da Memória da Imigração Sírio e Libanesa no Brasil, que a Câmara de Comércio Árabe Brasileira conduz em parceria com a Universidade Saint Spirit de Kaslik, do Líbano. ■



Roberto Duailibi e Osmar Chohfi colocam o acervo à disposição do público. Abaixo, o pronunciamento de Roberto Duailibi sobre as várias grafias do sobrenome Duailibi



EMPREENDEDOR

O HOMEM QUE APROXIMOU O BRASIL DOS PAÍSES ÁRABES

Rubens Hannun deixou a presidência da Câmara de Comércio Árabe Brasileira este ano. Durante sua gestão, os países árabes deixaram de ser o quinto e se tornaram o terceiro principal mercado para as exportações brasileiras e, mesmo durante a pandemia, ele ampliou as fronteiras da instituição para o mundo

FOTOS: DIVULGAÇÃO



A gestão de Rubens Hannun abriu novas portas entre o Brasil e o mundo árabe

A história das relações econômicas entre Brasil e os países árabes pode ser dividida entre antes e depois da gestão de Rubens Hannun como presidente da Câmara de Comércio Árabe Brasileira. À frente da entidade por quatro anos, Hannun enfrentou a pior crise sanitária global desta geração e, apesar disso, conseguiu apoiar o crescimento do comércio entre as nações, realizar um fórum para mais de 10 mil pessoas e implantar a Casa Árabe, um centro de desenvolvimento e intercâmbio institucional e cultural. Este ano, passou o bastão da presidência da Câmara para o diplomata Osmar Chohfi, porém seu legado agregador e transformador permanece.

Nascido em São Paulo, Hannun completou 70 anos em 2021, em plena atividade. Além da presidência da Câmara até abril deste ano, atua como empresário da área de marketing e realiza pesquisa de mercado, inteligência, insights, assessoria e consultoria. “Hoje dirijo a H2R Pesquisas Avançadas, empresa que fundei há 33 anos, para atender também o mercado internacional. Nós criamos a rede As Four, para pesquisas entre Brasil e países árabes em uma troca de informações. Assim, empresas árabes que vierem podem conhecer melhor o mercado brasileiro, e vice-versa”, informa.

O espírito empreendedor de Hannun é sua marca registrada, tanto que está montando agora a Com Licença, uma consultoria específica de diagnóstico e auxílio para uma comunicação mais eficiente entre empresas e as comunidades vizinhas do local onde estão inseridas. “A ideia é um melhor relacionamento entre empresas e sociedade. Como cada uma pode se beneficiar nessa relação. Quando uma empresa, um governo ou um político trabalham direito eles só têm a ganhar. Quando o trabalho é bem-feito todo mundo ganha. As empresas que fazem as coisas com governança, olhando para o meio ambiente e para o social, são as que se saem melhor”, observa.

RESGATE DAS ORIGENS

Hannun descende de sírios e libaneses. Seu pai, Jorge Hannun, nasceu em Homs, Síria, saiu do país com um irmão - de uma família com onze filhos - e se dirigiu ao Chile. Ao vir em visita à família que vivia

no Brasil, se hospedou na casa do irmão Gataz e lá foi apresentada a Laurinda Christofi, que também morava na rua Vergueiro, em São Paulo. “Eles se apaixonaram, se casaram e meu pai não voltou para o Chile. Minha mãe nasceu no Brasil, mas também é de família sírio-libanesa. Sou casado com Alessandra Maria Frisso Hannun e tenho dois irmãos, Alvaro Hannun e Arlete Hannun Molnar, ambos residem no estado de São Paulo”, conta o empresário.

A relação de Hannun com a Câmara de Comércio Árabe Brasileira tem a ver com o resgate de suas raízes. “Durante 25 anos tive a honra e o prazer de trabalhar junto à Câmara tendo esse contato com minhas origens, conhecendo os países, as populações e procurando fazer o Brasil e os países árabes se beneficiarem mutuamente”, orgulha-se.

Hannun entrou para a entidade em 1996, na gestão do presidente Orlando Sarhan, com quem aprendeu muito, assim como com os presidentes que se seguiram. O objetivo de Hannun era auxiliar na diretoria, observando e montando a área de marketing, sua especialidade. Tornou-se ainda mais motivado com a possibilidade de conhecer suas origens, além de trabalhar com marketing internacional e cultural. “Não nasci lá, mas tinha família lá, o meu pai veio de lá. Foi muito emocionante para mim quando comecei a ter mais contato com os países e a realidade árabes. Percebi que, assim como o Brasil recebeu tão bem os imigrantes árabes - e os povos árabes reconhecem isso - os árabes poderiam receber os brasileiros da mesma forma e que se beneficiariam. Os árabes precisavam muito de produtos que temos no Brasil,

“Os árabes precisavam muito de produtos que temos no Brasil, assim eles passariam a ter esses produtos ou serviços e nós teríamos um mercado”



Rubens Hannun com a diretora-geral da Dubai Airport Freezone



Como cônsul honorário da Tunísia em São Paulo, recebendo condecoração das mãos do chanceler tunisiano



Assinatura de acordo com Nizar al-Hariri, na presença do presidente Bolsonaro e do ministro do Comércio da Arábia Saudita



No Fórum Econômico 2020

assim eles passariam a ter esses produtos ou serviços e nós teríamos um mercado, aumentando a produção e a geração de empregos. Tudo com transparência e confiança. O trabalho na Câmara me acrescentou muito”, destaca Hannun.

UM HISTÓRICO DE REALIZAÇÕES

Em 2018 e 2020, Hannun marcou sua gestão com a organização do Fórum Econômico Brasil & Países Árabes. A primeira edição atingiu uma dimensão até então inédita sobre o potencial de relacionamento entre os países envolvidos. Participaram autoridades do calibre do secretário-geral da União das Câmaras Árabes, Khaled Hanafi, e do presidente da República do Brasil na época, Michel Temer - descendente de libaneses. “O encontro serviu para mostrar que os árabes prestam atenção no Brasil e dão importância ao país. E vice-versa. Esse foi um momento importante, que abriu portas e permitiu um maior convívio e relacionamento entre os países”, ressalta Hannun.

No ano passado, a edição “O Futuro é Agora” do evento foi digital, em função da pandemia, e ainda assim atraiu 10 mil participantes, de 60 países - 20 deles árabes - e 120 palestrantes entre empresários, acadêmicos e autoridades como o secretário-geral da Liga Árabe, Ahmed Abou el-Gheith, e o presidente Jair Bolsonaro.

No primeiro ano de Hannun à frente da Câmara de Comércio Árabe Brasileira, a entidade promoveu, em parceria com a consultoria Ernest Yang, o planejamento estratégico 2018-2028. Além de estabelecer metas e ações para os dez anos seguintes, o plano definiu como propósito “conectar brasileiros e árabes para promover o desenvolvimento econômico, social e cultural”, através dos valores: ética, inovação, liderança, confiança, comprometimento e competência. Para seguir este caminho, uma reestruturação foi necessária, implantando a cultura voltada ao empreendedorismo.

Também durante sua presidência, as relações comerciais entre os países deram um salto. Antes, as nações árabes representavam o quinto maior mercado para o Brasil e agora, três anos depois, representam o terceiro. Esse relacionamento se firmou através de trabalho que a Câmara vem realizando há quase 70 anos, e incrementado nos últimos anos, para se revelar consistente e não apenas mera transação



Rubens Hannun e família durante a inauguração da nova sede da CCAB



Primeira reunião da diretoria no escritório da CCAB em Dubai

de compra e venda, que é pontual e pode mudar a qualquer momento em que aparecer um concorrente oferecendo preço melhor. Os esforços da Câmara foram no sentido de tornar o relacionamento tão forte a ponto de que, se houvesse algum imprevisto e o Brasil tivesse de optar entre o mundo árabe e outros países, que se priorizasse os árabes.

“Isso só é possível em um relacionamento muito próximo, muito sustentado, com elementos intangíveis e não apenas baseado no preço. Isso se comprovou na pandemia, quando os países árabes ficaram muito preocupados por necessitarem de alimentos. Se o Brasil fechasse as fronteiras, como estava acontecendo no mundo inteiro, os árabes sofreriam com suas populações enfrentando desabastecimento de produtos e, principalmente, falta de proteínas. O conjunto dos países árabes representa o segundo maior mercado agrícola para o Brasil e o primeiro em proteínas, sendo que nós somos o maior produtor de proteína halal do mundo. Em 2020, a balança comercial do Brasil com o mundo árabe foi de cerca de US \$20 bilhões”, enfatiza o empresário.

Para evitar o fechamento das fronteiras comerciais brasileiras durante a pandemia, Hannun conversou com a ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, logo no início da crise. Um mês depois de iniciada a quarentena, foi realizado um webinar e a ministra garantiu para o secretário-geral da União das Câmaras Árabes que não ocorreria o fechamento das fronteiras.

“Nós levamos a ministra para o mundo árabe, trouxemos o secretário-geral das Câmaras Árabes - o grande responsável pelo comércio com aqueles países - para Brasília, para conhecê-la. Tudo isso antes da pandemia. Então, o relacionamento já estava azeitado e isso ajudou muito o entendimento entre os países”, afirma Hannun.

Vinte e dois países árabes importam do Brasil, sendo os mais importantes Egito, Emirados Árabes, Arábia Saudita e Bahrein. Além de proteínas, como as carnes, o Brasil exporta muitos produtos farmacêuticos e maquinário agrícola. “Algo muito interessante é que com a pandemia, os países árabes passaram a desenvolver a agricultura e o Brasil viu uma oportunidade de ajudá-los com maquinário e outros produtos. Se eles produzem mais commodities, podemos entrar com itens com maior valor agregado. Também exportamos vestuário,

calçados, cosméticos - um setor aquecido - inclusive cosméticos halal. O mercado do mundo árabe representa 400 milhões de consumidores e só no Egito são 100 milhões de pessoas”, informa.

CARNE FRACA E MUDANÇA DE EMBAIXADA

As realizações de Hannun à frente da Câmara também se destacam na gestão de crises. Uma delas foi em relação ao caso da Operação Carne Fraca, deflagrada pela Polícia Federal em 2017, que investigou as maiores empresas do ramo, como JBS e a BRF, acusadas de adulterar a carne que vendiam nos mercados interno e externo. O escândalo envolveu mais de trinta empresas alimentícias brasileiras, suspeitas de comercializar carne estragada, mudar a data de validade, maquiagem o aspecto e utilizar produtos químicos para tentar revender o produto vencido, além de apontar agentes do governo acusados de liberar estas mercadorias.

A opção da Câmara diante da situação foi a da transparência. “O Brasil corria o risco de perder o mercado árabe. O que nós imediatamente fizemos foi nos aprofundar para saber o que estava acontecendo e informá-los, de forma muito transparente. Na época, conversamos com o ministro Blairo Maggi e enviamos as informações para os países árabes na mesma semana. Depois, levamos o ministro para explicar pessoalmente o que estava acontecendo, para cessar o risco de uma interrupção da compra do produto brasileiro”, conta.

Os árabes não só não pararam de comprar carne do Brasil, como aumentaram as importações.

“Em 2020, a balança comercial do Brasil com o mundo árabe foi de cerca de US \$20 bilhões (R\$ 100 bilhões)”, enfatiza o empresário Rubens Hannun

E disseram: “Se vocês vieram para cá e estão mostrando com transparência o que está ocorrendo, acreditamos e vamos em frente”, lembra Hannun. Este foi seu primeiro desafio na gestão da Câmara, depois de três meses: “Tomamos a decisão de ser protagonistas, de liderar essa história”, reforça.

Essa foi a linha adotada por Hannun em suas gestões, ser proativo. “A partir daí definimos nosso papel, garantindo a disponibilidade e acesso de alimentos às populações árabes e emprego aos brasileiros”, resume o empresário.

Em outra potencial crise, a Câmara também teve uma atuação fundamental. A mudança da embaixada de Israel, de Tel Aviv para Jerusalém, anunciada no início do governo Jair Bolsonaro, poderia atrapalhar o comércio com o Brasil, mas a Câmara mostrou à população e ao próprio governo brasileiro a importância dos países árabes e o quanto isso poderia arrancar as exportações - comprometendo o elo de confiança que os árabes estabeleceram com os brasileiros.

A CÂMARA NO MUNDO

Muito importante também foi a internacionalização da Câmara. “Sendo a Câmara brasileira e também árabe, por que temos que ficar só no Brasil? Abrimos a entidade para que empresas árabes também pudessem se associar. Estabelecemos escritórios em Dubai, em 2019, e planejamos os do Cairo, abertos agora em 2021, já na nova gestão. Assim como em Riad, na Arábia Saudita, que deve ser inaugurado a seguir. São locais que representam mercados importantes para o Brasil pela influência que exercem em toda a região”, reforça.

Para Hannun, as relações comerciais da Câmara podem ir além dos países árabes. “Existem árabes no mundo inteiro e não só em alguns locais específicos. A Câmara tem que atender árabes e brasileiros onde eles estiverem. Quando se fala no escritório do Cairo, pensa-se no mercado ao redor, que inclui o continente africano. Riad está se transformando em um centro comercial-financeiro importantíssimo, assim estamos montando lá e em Jeddah um hub para frutas brasileiras. Fizemos um acordo com as câmaras do Mediterrâneo, que inclui os países árabes e da Europa. Vamos abrir o horizonte da Câmara para o mundo e, como ela está muito voltada para produtos halal, começamos a olhar para além dos 400 milhões de habitantes dos países árabes,

alcançando 2 bilhões de habitantes dos países islâmicos”, calcula.

UMA CASA ÁRABE NO BRASIL

Na esfera cultural e social, o empresário entendeu que ela é também essencial para os negócios. Atualmente a presença árabe no Brasil representa 6% da população, contando com um grupo de líderes muito forte. “Em uma recente e inédita pesquisa promovida pela Câmara Árabe, chegamos à conclusão, de que 26% dos líderes das instituições empresariais no Brasil são árabes - como Paulo Skaf e Guilherme Afif Domingos. Então, trouxemos a cultura árabe para o Brasil, para o próprio descendente tomar contato com ela, e levamos a cultura brasileira para lá. Realizamos a Semana Brasileira no maior shopping de Abu Dhabi e levamos espetáculos brasileiros para os Emirados Árabes. Do Instituto do Mundo Árabe de Paris, que tem um acordo com a Câmara, trouxemos uma exposição para o Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, para apresentar ao público brasileiro essa cultura”, detalha.

“Precisamos trabalhar para que o árabe tenha uma boa imagem aqui e para que o próprio árabe que está no Brasil tenha orgulho de suas origens e que elas não se percam nas gerações futuras”, faz questão de ressaltar. Em 2020, durante o Fórum Econômico Brasil & Países Árabes - realizado digitalmente - foi fundada a Casa Árabe, que tem como propósito administrar e promover a imagem de árabes e descendentes, mostrando o real valor de sua contribuição, seu caráter, seus valores e seus princípios. Recentemente o espaço recebeu uma importante contribuição, com os itens

“Em uma recente pesquisa promovida pela CCAB, chegamos à conclusão, de que 26% dos líderes das instituições empresariais no Brasil são árabes”



Presença do presidente Michel Temer no Fórum Econômico 2018



Rubens Hannun entrega o convite ao secretário-geral da Liga Árabe, Ahmed Abou el-Gheith, para a participação do Fórum Econômico Brasil Países Árabes 2020, na presença da ministra Tereza Cristina



Recebendo a visita do vice-presidente Hamilton Mourão à CCAB



Rubens com a ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina

do acervo da família do publicitário - Roberto Duailibi. Uma doação feita graças a intermediação de Hannun e concretizada pelo atual presidente da Câmara, Osmar Chofi. Também faz parte desse esforço o Comitê Wahi, de mulheres brasileiras e árabes, visando sua integração e desenvolvimento de empreendedorismo conjuntos.

CÔNSUL DA TUNÍSIA

A jornada de Rubens Hannun nas relações entre o Brasil e os países árabes não se encerrou com o fim da sua gestão como presidente da Câmara. Desde 23 de outubro de 2001, ele foi nomeado pelo Presidente da República da Tunísia, Zein el-Abidine Ben Ali, cônsul honorário da Tunísia no estado de São Paulo. Cargo que exerce até hoje, com um intervalo entre fevereiro de 2017 a abril de 2021, quando esteve à frente da Câmara de Comércio Árabe Brasileira.

Como cônsul destacou-se por algumas realizações, como o acordo entre o Hospital Sírio Libanês, no Brasil, e o Hospital Universitário Sahloul, de Sousse, na Tunísia. Também participou de eventos comerciais e de investimentos, como a APAS Show - promovido pela Associação Paulista de Supermercados - o Fórum de Investimento na Tunísia e missões empresariais para a promoção do comércio entre os dois países. Realizou ainda as “Semanas Tunisianas”, em São Paulo, destacando a gastronomia e o turismo no país árabe africano, bem como a criação, o desenvolvimento e a presidência da ala brasileira do Conselho Empresarial Brasil-Tunísia.

Na área cultural e esportiva, Hannun desempenhou uma série de atividades e eventos, entre eles a mostra de cultura e arte tunisianas nas estações do Metrô paulistano, a participação de filmes tunisianos no Festival de Cinema Árabe - realizado anualmente pelo Instituto da Cultura Árabe (ICARABE) - e participação de um filme brasileiro no Festival de Cartago. Auxiliou a realização dos jogos comemorativos do Troféu Ramon Semin, com um torneio de basquete entre Brasil e Tunísia. No setor social, coordenou a assistência às mulheres tunisianas em condições vulneráveis no Brasil.

Pelos muitos feitos na relação entre os países, recebeu a Ordem Nacional do Mérito “Chevalier de Lorde du Mérite” (Quatrième classe), concedida pelo então presidente tunisiano, Mohamed Bèji Caïde Essebsi, que liderou o país de dezembro 2014 até sua morte, em julho de 2019. ■

Família Imperial

A FALA DO TRONO

Por ocasião de seu jubileu de rubi como herdeiro da coroa imperial brasileira, entrevistamos dom Luiz Gastão de Orléans e Bragança. Além de discorrer sobre o movimento monárquico no País, ele lembra da admiração de dom Pedro 2, seu trisavô, pelo Líbano e os laços que ligam as duas nações

POR FOUAD NAIME

CARTA DO LÍBANO: Qual o balanço que o senhor, dom Luiz, faz desses quarenta anos (Jubileu de Rubi) como herdeiro do trono e da coroa do Brasil?
DOM LUIZ GASTÃO DE ORLÉANS E BRAGANÇA: No passado dia 5 de julho, completei quarenta anos na Chefia da Casa Imperial do Brasil, com o dever de dar continuidade à missão histórica de nossa Dinastia e favorecer o Movimento Monárquico, segundo o luzidio exemplo de minha bisavó, a princesa Isabel, e de meu pai, o príncipe dom Pedro Henrique.

A atuação que talvez mais tenha marcado essas quatro décadas foi a que levou à queda da “cláusula pétrea”, dispositivo constitucional que desde 1891 proibia os monarquistas manifestarem-se, deixando-os, portanto, à margem da lei.

Em 7 de setembro de 1987 enviei uma “Carta aos Srs. Membros da Assembleia Nacional Constituinte”, fazendo-lhes ver a grande incoerência que havia no anteprojeto da Constituição, que vinha sendo votado num clima em que se apregoava a mais ampla abertura política e se concedia liberdade política até

aos comunistas mais extremados, mas mantinha-se os monarquistas impedidos de se organizarem politicamente.

Quando, a 17 de março de 1988, o plenário da Constituinte pronunciou-se sobre essa “cláusula pétrea”, o resultado foi 366 votos pela sua derrogação, e apenas 29 (PT e PC do B) pela sua manutenção, mais cinco abstenções.

Entrada em vigor a 5 de outubro de 1988, a nova Constituição, que em suas Disposições Transitórias, convocava a consulta popular prevista no Art. 7º do Decreto Nº 1, de Proclamação da República, logo assumi a coordenação da campanha para o Plebiscito que se realizaria em 1993, no qual os brasileiros deveriam escolher entre as três formas e sistemas de governo: Monarquia Parlamentarista, República Parlamentarista e República Presidencialista.

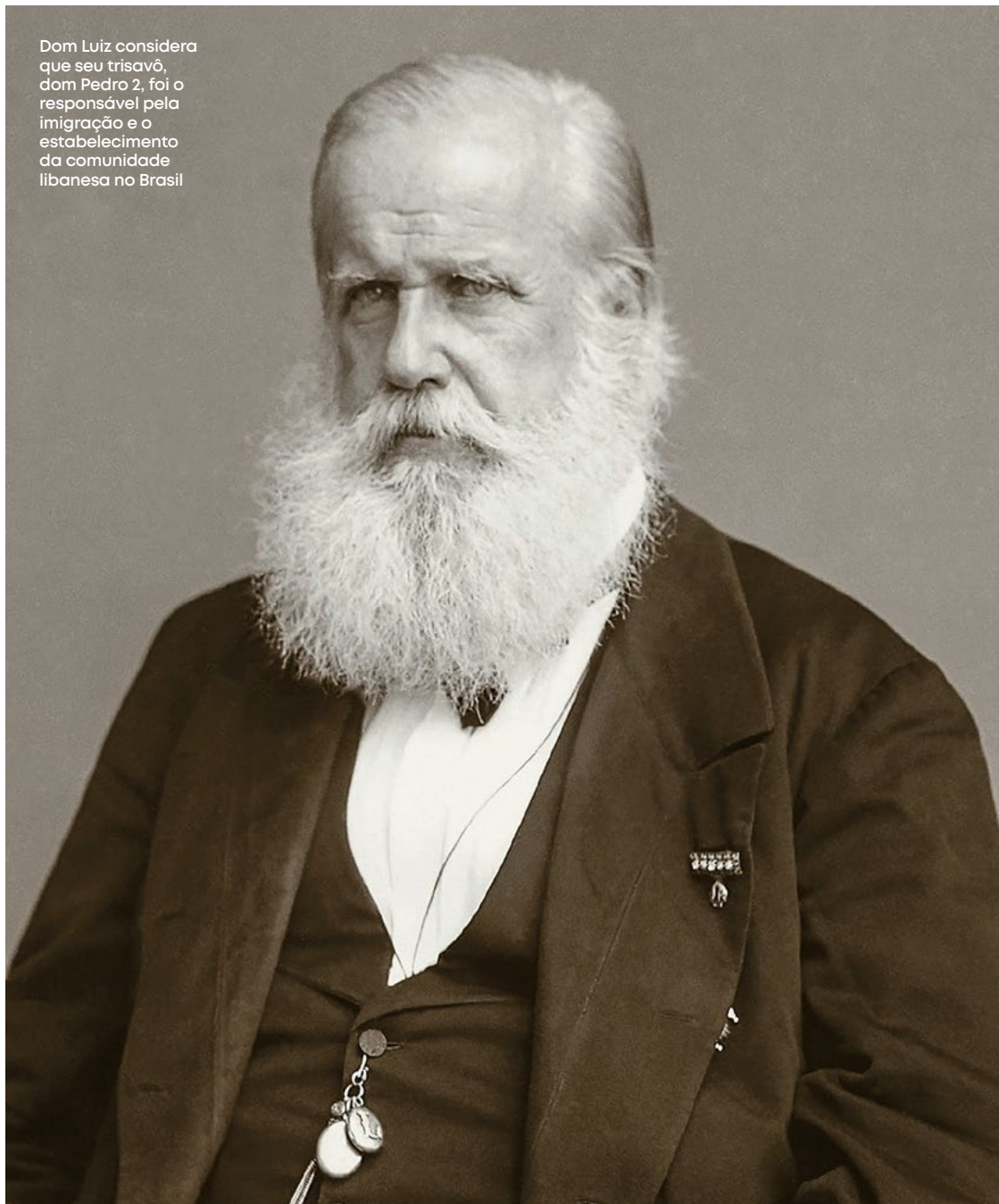
Mesmo com pouquíssimos recursos econômicos, sem termos podido criar previamente os quadros necessários, com mais de um século de deformação da história promovida pelos republicanos e de ataques contínuos da grande imprensa, bem como



Dom Luiz Gastão de Orléans e Bragança completa 40 anos na chefia da Casa Imperial do Brasil

FOTOS: CASA IMPERIAL DO BRASIL

Dom Luiz considera que seu trisavô, dom Pedro 2, foi o responsável pela imigração e o estabelecimento da comunidade libanesa no Brasil



de “fake-news” de toda sorte contra o Período Imperial, ainda assim, contando apenas com o idealismo abnegado dos monarquistas, conseguimos obter 13% dos votos válidos. Tal foi considerado não a “pá de cal” sobre o movimento monárquico, mas uma primeira vitória moral na grande batalha pela restauração da monarquia.

Hoje, dentro de minhas atuais possibilidades, continuo servindo à Nação, sempre com o dedicado apoio de meus irmãos, principalmente de dom Bertrand e dom Antônio com sua esposa dona Christine e, cada vez mais, de meus sobrinhos dom Rafael e dona Maria Gabriela, ambos uma promessa de muito futuro.

Atualmente vemos um autêntico despertar de idealismo monárquico, sobretudo entre jovens, nos quatro cantos de nosso querido Brasil.

CDL: Existem planos para se fazer uma grande comemoração do Jubileu de Rubi assim que a pandemia for controlada no País?

DL: Em função da pandemia, achei por bem não comemorarmos esses 40 anos, exceto por uma missa em Ação de Graças. Neste momento, todo o meu empenho está voltado para as comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, ao longo de todo ano de 2022.

CDL: Como os senhores vêem a instituição da monarquia nos dias de hoje, especialmente no Brasil?

DL: Hoje em dia, todos os países que adotam a monarquia constitucional parlamentar estão em primeiro lugar nos índices globais de desenvolvimento humano e econômico, democracia, combate à corrupção, qualidade da educação, etc.: Dinamarca, Canadá, Japão e até países muito

“*Todos os países que adotam a **monarquia constitucional parlamentar** estão **em primeiro lugar nos índices globais**”*”

“*Em função da **pandemia**, achei por bem não comemorarmos **esses 40 anos**, exceto por uma **missa em Ação de Graças**”*”

mais jovens que o Brasil, como a Noruega e a Nova Zelândia. E o estudo da Ciência Política, devo dizer, não comporta a noção de “mera coincidência”.

Mas considero que nosso passado monárquico deu demasiado certo para quisermos simplesmente imitar regimes atuais. Foi um dos grandes erros da república, que imitou o modelo norte americano.

Devemos nos inspirar em nosso passado monárquico, com as indispensáveis adaptações em função da realidade de hoje. E, evidentemente, considerar os acertos dos países acima mencionados.

Está na natureza do regime monárquico de nossos tempos que o soberano sirva como exemplo e espelho das melhores virtudes de seu povo, estimulando assim suas qualidades e inibindo suas más tendências, sobretudo em relação aos homens públicos. Assim foi durante todo o longo reinado de meu trisavô, o imperador dom Pedro 2, que se utilizava do indispensável Poder Moderador, atribuído pela Constituição de 1824 privativamente ao soberano, combinado com sua inegável presença moralizadora e seu imenso prestígio pessoal.

É na perspectiva da restauração de semelhante regime que se verifica uma crescente adesão ao Movimento Monárquico em todos os estados de nosso imenso e tão bem-dotado pela Divina Providência país. Dia após dia, brasileiros de todas as idades, sobretudo jovens e juveníssimos, veem nesse modelo a solução para as crises recorrentes que, desde o 15 de novembro, assolam nossa Pátria. Continuamente meu Secretariado recebe informações do surgimento de novos Círculos Monárquicos e grupos correlatos.

E por toda a parte nossa bela história é resgatada e a família imperial recebida com respeito e simpatia.

CDL: Dom Pedro 2 visitou o Líbano pela primeira vez em 1876. Que histórias os senhores ouviram sobre essa viagem ao País que o soberano chamou de “Sentinela da Terra Santa”?

DL: Dom Pedro 2 apreciou o contraste entre as montanhas nevadas, os desertos e vales fecundos do Líbano e, sobretudo, as qualidades e o potencial de um povo de tanta história. Durante toda a viagem, procurava também ilustrar os libaneses sobre as riquezas e maravilhas do Brasil, convidando-os a emigrar para o nosso País. Acho que podemos dizer que, em não pequena medida, deve-se ao meu trisavô o fato de hoje haver mais libaneses e descendentes seus no Brasil do que no próprio Líbano.

CDL: Os senhores conhecem o Líbano?

DL: Infelizmente não tivemos ainda oportunidade de visitar o Líbano, mas dele conhecemos o que tem de melhor, que são os libaneses, hoje solidamente incorporados à vida nacional. Mas, se isso suceder, ademais de percorrer as belezas dessa terra abençoada gostaríamos de palmilhar os locais por onde passou dom Pedro 2 e de rezar junto ao túmulo de São Charbel Makhlof, de quem o papa Pio 12, ao dar início à sua beatificação, afirmou: “O padre Charbel já gozava, em vida, sem querer, da honra de o chamarem santo, pois a sua existência era verdadeiramente santificada por sacrifícios, jejuns e abstinências. Foi uma vida digna de ser chamada cristã e, portanto, santa”.

CDL: Existe alguma ligação entre a família imperial brasileira e a grande comunidade libanesa e síria no País?

“ Não tivemos ainda oportunidade de visitar o **Líbano**, mas dele conhecemos o que tem de melhor, que são os **libaneses** ”

“ Sempre tivemos boas relações com a comunidade libanesa, que se adaptou muito bem ao nosso País ”

DL: Sempre tivemos boas relações com a comunidade libanesa, que se adaptou muito bem ao nosso País e contribuiu para o enriquecimento material e cultural do povo brasileiro. Sobretudo em São Paulo, onde resido, há muitos libaneses e seus descendentes, dentre os quais tenho bons amigos e há mesmo numerosos monarquistas. Temos inclusive uma sobrinha que é casada com um filho de pai libanês estabelecido com sucesso na capital paulista.

CDL: O trono de dom Pedro 2 – em exposição no Museu Imperial de Petrópolis, feito com madeira dos cedros do Líbano – foi um presente do povo libanês ao imperador. Existem mais itens históricos que ligam a família imperial às viagens de dom Pedro 2 à Terra dos Cedros?

DL: De momento, lembro-me das cartas, das fotografias e do diário de viagem de meu trisavô. Temo em pensar em tudo o que pode ter sido perdido naquele lamentável incêndio do Paço de São Cristóvão, atual Museu Nacional.

CDL: Que influências e referências marcantes os imigrantes libaneses trouxeram para o Brasil?

DL: Antes de mais nada, é marcante a capacidade empreendedora e comercial dos libaneses. E a sua culinária, tão apreciada por nós brasileiros. E os excelentes cavalos, que melhoraram muito o nosso plantel e nos deram a raça Quarto de Milha. E, por certo, há ainda a soma de culturas e qualidades, aspecto no qual o Brasil sempre se destacou entre as nações, fazendo, aos vários povos que carinhosamente aqui acolheu, olvidar antigas rivalidades seculares que eventualmente tivessem... ■



Sala do Trono
do Museu Imperial
de Petrópolis

FAMÍLIA ORLEANS E BRAGANÇA E O COLÉGIO PEDRO II

A REAL CASA DO SABER

Fundado em honra ao imperador, o Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, mantém-se como tradicional pilar do ensino e da educação no País. Além de evocar a memória e os grandes feitos do mais nobre mandatário brasileiro

POR ROBERTO HABIB

A família Imperial deixou marcas indeléveis na sociedade brasileira, duradouras e permanentes, em função dos relevantes e consequentes ações encetadas por seus componentes, inseridos na corte luso-brasileira, que se instalou em nosso país a partir de sua chegada ao alvorecer do século 19. Com ênfase em momentos essenciais da transformação do Brasil-Colônia em sede da Coroa Portuguesa, como as sucessivas gestões de dom João 6, dom Pedro 1, dom Pedro 2 e os desdobramentos políticos inerentes.

Muitos fatos aconteceram durante este período de instabilidade política, desde a abertura dos portos às nações amigas, em 1808, até a Proclamação da República, no dia 15 de novembro de 1889, e a consequente queda do regime imperial. Esses fatos traçaram o destino de dom Pedro 2 - e de sua família - premido pelo ambiente popular favorável a um monarca querido, respeitável e admirado. Sua administração foi aprovada quase unanimemente pelas ações positivas interna e externamente, através



Início do ano
letivo no Colégio
Pedro II, em 1957

da consolidação institucional com a instalação de estruturas públicas, otimizando a burocracia estatal, atendendo plenamente à população brasileira.

Dom Pedro 2 também atraiu para o País artistas e intelectuais de destaque, formando massa crítica com o consequente aumento do nível cultural, reiterando todas as ações positivas, o que tornou obrigatório o cumprimento, por parte do novo regime, do decreto de desterro em horário discreto que proporcionou um possível distanciamento da família imperial em relação à população em geral. Mais uma demonstração de amor ao Brasil e ao seu povo por parte do imperador foi a deterioração de sua saúde pela sensação de impotência consequente à deposição do poder, incapacitando-o a continuar a prestar assistência a seu país e à população brasileira.

A abolição da escravatura foi um evento crucial para a definição do destino do regime monárquico, pois a decisão em foco, em relação ao anseio da maioria da população brasileira e, até da sensibilidade mundial, era intensamente aguardada. O atraso governamental para a camada popular estava quase colocando em xeque o prestígio consolidado da família imperial por

tudo o conjunto de ações e decisões positivas. Em contrapartida, havia o impasse em decorrência da resistência das elites econômicas, que baseavam seu ganho econômico no trabalho escravo. Diante das alternativas postas, prevaleceu a que quitava a dívida social, postergada por tanto tempo, mas que finalmente foi configurada com a assinatura da Lei Áurea, promulgada no dia 13 de maio de 1888, pela Princesa Isabel, alçando o país a um patamar civilizatório, no qual deveria estar há muito tempo.

Esta uniformização de ideias entre a população e a família imperial ratificou o prestígio da coroa junto ao povo, mas colocou em risco a continuidade do regime, como a história já nos descortinou.

Feita a opção inescapável do ponto de vista moral, a saber, a já conhecida ação de liberação dos escravos, como reflexo pressentido anteriormente. Configurou-se então a animosidade esperada entre a corte e a elite econômica somente comprometida com o lucro, cujo desfecho foi a surpreendente e atabalhoada Proclamação da República, estancando um processo de administração sustentável e inaugurando um período que, mesmo sendo proclamado no final do século 19, ainda oscila por não manter as

qualidades do descartado regime, não explorando as potencialidades aventadas durante a alteração, objeto da referida Proclamação Republicana.

Certo escritor, em recente entrevista, foi indagado após concluir a biografia do presidente Getúlio Vargas, se ele idealizava preparar um novo e idêntico trabalho e, em caso positivo, qual seria o alvo do mesmo. O autor disse que a seu ver, pela ressonância positiva de seu governo, mereceria a sua atenção e correspondente passagem da teoria à prática o imperador dom Pedro 2. Assim ratificando a consagrada atuação do mesmo em favor do Brasil e de seu povo, cujas necessidades foram supridas, delegando ao país acesso ao desenvolvimento, com a instalação de um aparato cultural, centrado na Educação e na Saúde, como, por exemplo, a Academia Nacional da Medicina e o Colégio Pedro II.

Focalizando especificamente este diferenciado estabelecimento de ensino, fundado em 2 de dezembro de 1837, cuja escolha já é sintomática, na medida em que esta coincide com o aniversário do imperador dom Pedro 2, era um entusiasta do magistério, que ele considerava uma verdadeira e sagrada missão, além de suas reiteradas declarações em que se posicionava como um professor em segunda acepção, seguindo sua opção preferencial pela Política.

A presença do imperador era tão constante nos eventos culturais que, para ele, era reservado um lugar especial, uma cadeira de honra, conservada até os dias de hoje, significando a importância de sua presença nos eventos e estabelecimentos que os sediavam. Nunca haverá outra forma de prestigiar a cultura e a erudição como a adotada por este monarca tão presente na vida dos conterrâneos. E isto se prolongou até às vésperas de seu afastamento do Brasil, porquanto o seu último compromisso oficial ocorreu nas dependências do Colégio Pedro II - assistindo, na ocasião, a uma defesa de tese durante um concurso de Livre Docência - o que atesta a vinculação do monarca ao tradicional colégio padrão da educação brasileira.

A passagem do tempo leva a efeitos seletivos, eliminando o descartável e mantendo o que se considera essencial. Isso justifica o fato do colégio, fundado em homenagem a ele, manter o seu nome, apesar da pressão republicana que tentava alterá-lo. Apenas por um breve momento a denominação foi

alterada, pelo açodamento iconoclasta característico dos períodos desequilibrados de transição. Voltando-se ao curso natural da história, rapidamente se restabeleceu o nome original, Colégio Pedro II. Mais uma prova material da importância para o Brasil da essencial contribuição do imperador, que mantém o prestígio próprio das grandes personalidades públicas nunca contestadas até a presente data.

Há que se aludir, por dever de justiça, ao protagonismo do imperador em relação à comunidade libanesa, em particular, e árabe, em geral, que se deslocou de seus países de origem com um objetivo recíproco. Com a passagem do tempo favoreceu o Brasil, por receber pessoas de boa índole, e os imigrantes, que puderam em solo seguro refazer suas vidas e constituir suas famílias.

Como professor do Colégio Pedro II confesso ter-me emocionado quando, após já com vinte anos de prática docente, entrei na sede histórica da avenida Marechal Floriano, do famoso Externato dom Pedro 2. Pois, para o magistério, a instituição - e principalmente a Unidade Centro - é como se fosse o "Maracanã" para os futebolistas. Ou seja, o templo maior de suas atividades profissionais, o que me permitiu ombrear com intelectuais do porte de Manoel Bandeira, Euclides da Cunha, Evanildo Bechara e Wilson Choeri, a quem dedico este breve texto. ■

***Roberto Habib é professor do Colégio Dom Pedro II**

A presença do imperador era tão constante nos eventos culturais que, para ele, era reservado um lugar especial, uma cadeira de honra



29 ANOS DE TRADIÇÃO E EXCLUSIVIDADE,
IMPORTANDO O MELHOR DO LÍBANO PARA O BRASIL



✉ CONTATO@SADDICENTER.COM.BR

☎ (11) 3886-7755

☎ (11) 99799-4406

📷 @SADDICENTER

R. GUARARÁ, 76 - JARDIM PAULISTA - SP



SADDICENTER.COM.BR



A embaixadora do Líbano, Carla Jazar, e a presidente da CRE, senadora Kátia Abreu

EM DEFESA DO ACORDO DE LIVRE COMÉRCIO ENTRE MERCOSUL E LÍBANO

Parlamentares descendentes de libaneses se mobilizam para encontrar meios de auxílio para os que enfrentam a maior crise de sua história



O senador Esperidião Amin (PP-SC). Acima, o comentarista de política internacional da GloboNews, Guga Chacra, em pronunciamento via videoconferência

O fortalecimento da parceria entre o Brasil e o Líbano e a aprovação do tratado de livre comércio entre o país árabe e o Mercosul foram algumas das defesas feitas por senadores e debatedores durante audiência pública da Comissão de Relações Exteriores (CRE), no dia 23 de setembro. Segundo Agência Senado, os participantes destacaram que o Líbano enfrenta hoje uma das piores crises econômicas e sociais da história do país e precisa de ajuda humanitária internacional para superar a falta de recursos - financeiros, de alimentos e medicamentos.

Durante o debate, os senadores sugeriram a criação de um grupo de trabalho, no âmbito do Senado, para que sejam estudados e viabilizados projetos de auxílio humanitário ao país. Há na Casa parlamentares com origem libanesa, como os senadores Esperidião Amin (PP-SC), Simone Tebet (MDB-MS) e Tasso Jereissati (PSDB-CE), que estiveram presentes à audiência.

“Quem sabe, como contribuição, nós possamos estar realmente conversando e tentando ajudar,

através do Senado Federal, que esse acordo de Livre Comércio entre o Líbano e o Mercosul possa sair o mais rápido possível. Talvez seja a hora. Às vezes, é no momento de grandes crises que abrimos portas, quebramos a burocracia, rompemos aquela coisa - necessária no estado democrático de direito - que nos momentos de exceção a própria Constituição permite quebrar regras, dentro dos limites da Constituição”, defendeu a senadora Simone Tebet.

De acordo com o embaixador do Brasil junto à República libanesa, Hermano Telles Ribeiro, as negociações para viabilizar do acordo de estão avançadas entre os quatro países que compõem o bloco (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai). “Já há uma harmonia para que possamos caminhar para o desfecho desse acordo”, garantiu o diplomata.

Um dos senadores que sugeriu a audiência, Esperidião Amin, lembrou que há no Brasil mais libaneses do que no próprio país de origem. Atualmente são cerca de 10 milhões, enquanto a população do Líbano é de pouco mais de quatro milhões. Amin disse que este é o momento para se abordar uma nova forma de parceria, principalmente levando em consideração o



A embaixadora do Líbano, Carla Jazzar, e o senador Esperidião Amin. Na tela, pesquisador de Harvard e senior fellow do Centro Brasileiro de Relações Internacionais, Hussein Kalout

Katia Abreu sugeriu a criação de um Fundo de Descendentes de Libaneses no Brasil, a partir da iniciativa privada

intercâmbio de conhecimento, com vistas a auxiliar na reestruturação das famílias.

“Há uma fortíssima participação de libaneses nos mais diversificados ramos da medicina no Brasil. Então isso é uma parceria que vai crescer, na medida em que nós chegemos a uma espécie de pacificação na região. Porque junto com a restauração de imóveis, de prédios, de obras, vem também a reabilitação das pessoas traumatizadas”, afirmou o senador.

A mesma opinião expressou o jornalista e comentarista de política internacional, Guga Chacra. Ele, que também é libanês, destacou que 80% do que é consumido pelos libaneses vem de fora e o “único produto de exportação”

do país é a diáspora. Na sua visão, a maior colaboração desses imigrantes seria a organização e mobilização, principalmente daqueles em posições estratégicas como na política, para enviar ajuda humanitária como a de mantimentos e também de conhecimento.

FUNDO PRIVADO

A senadora Kátia Abreu (PP-TO) apresentou, como sugestão para reflexão do grupo de trabalho, o uso da telemedicina como ferramenta para troca de conhecimento. Ela ainda sugeriu a criação de um Fundo de Descendentes de Libaneses no Brasil, a partir da iniciativa privada, para que possa bancar uma espécie de “renda



A senadora Simone Tebet

básica” para as famílias libanesas, assim como é o programa Bolsa Família aqui no Brasil.

“Eu tenho certeza que a comunidade libanesa em São Paulo e em todo o Brasil poderia se mobilizar. Vamos atingir uma meta de ‘X’ famílias, é o que damos conta de fazer. Quanto para cada uma delas? E nós implementaríamos então, um sistema brasileiro do cartão do Bolsa Família, para que eles possam comprar o produto lá diretamente”, detalhou a parlamentar.

A encarregada de Negócios da República do Líbano para o Brasil, Carla Jazzar, ressaltou que o país precisa urgente de auxílio para aquisição de alimentos, medicamentos, além de investimentos para projetos que possibilitem as reformas dos setores de energia, bancário, de infraestrutura e de todos os setores de produção. Nesse sentido, ela reforçou a ideia de o Congresso Nacional incentivar a criação do fundo de auxílio ao Líbano.

“Assim, sugiro a criação do fundo criado

pela comunidade libanesa no país e pelos brasileiros de origem libanesa. Nossa iniciativa é muito simples: identificar comunidades, áreas, negócios locais, fornecer apoio técnico, financeiro, tecnológico e investir em projetos de desenvolvimento setoriais a partir desse fundo”.

Já o senador Nelsinho Trad (PSD-MS), também um dos autores do requerimento para a realização do debate, fez um apelo ao Ministério das Relações Exteriores no sentido de criar um observatório “de ajuda humanitária ao Líbano, incluindo a coleta de informações de grupos e organizações não governamentais”. Para subsidiar o Brasil e seus atores nessa relação de cooperação humanitária.

Entre algumas ações e projetos de cooperação humanitária desenvolvidos pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), o embaixador Ruy Pereira, que preside a instituição, citou o repasse de US\$ 129 mil para auxílio da área de saúde, além do envio de 4,4 toneladas em doações



Os senadores Kátia Abreu, Esperidião Amin e Tasso Jereissati: solidariedade com o Líbano

A crise no Líbano se agravou após uma explosão, no porto de Beirute, em 4 de agosto de 2020

compreendendo medicamentos, respiradores, alimentos e insumos.

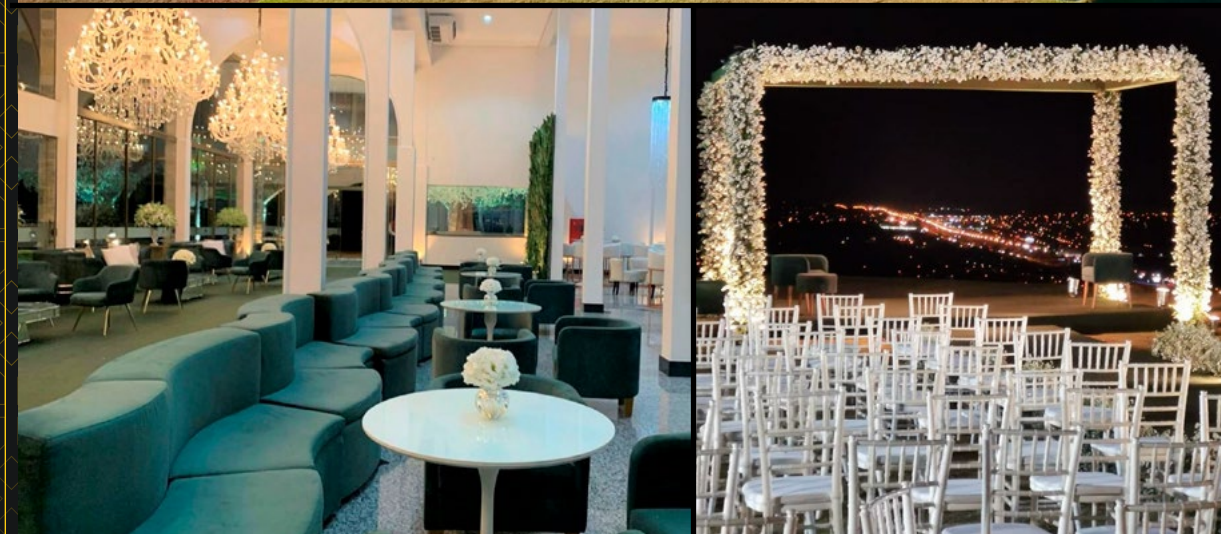
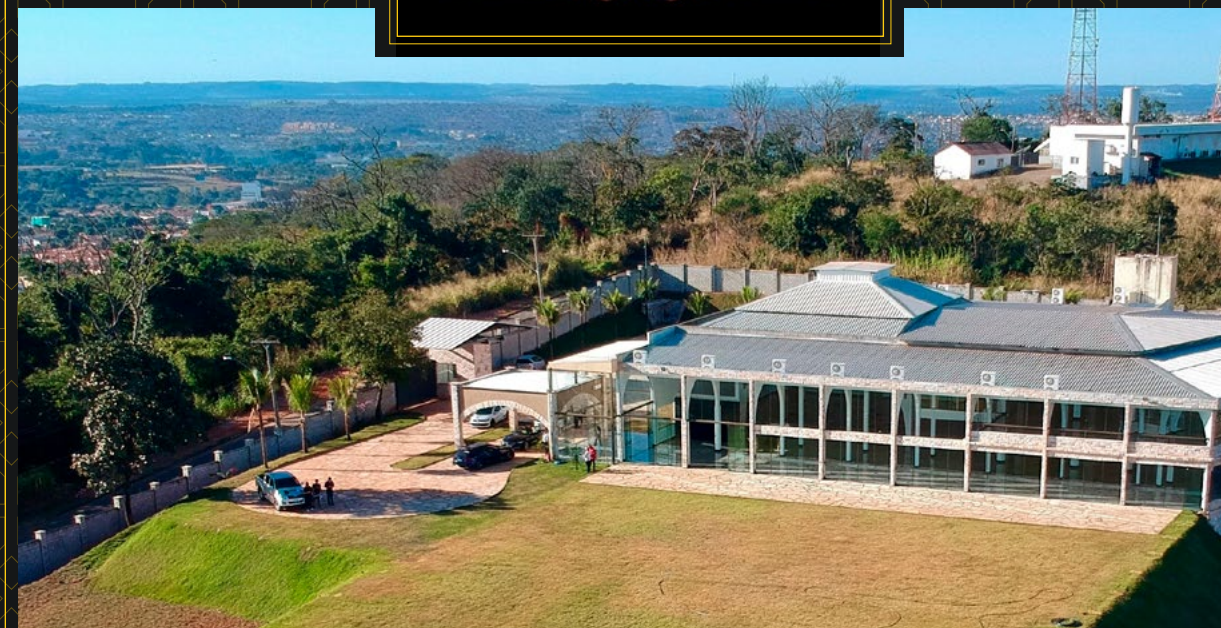
NOVO GOVERNO LIBANÊS

O pesquisador de Harvard e Senior Fellow do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), Hussein Kalout, ressaltou que mesmo com a formação de um novo governo, composto pelo presidente Michel Aoun e o primeiro-ministro nomeado, Najib Mikati, a equipe se configura nos “velhos conhecidos da política libanesa” que, segundo ele, reforçam a corrupção endêmica na região. Para Kalout, a superação da crise no país também passa pelo combate dos grupos políticos corruptos e a criação de um

sistema jurídico transparente.

“É difícil superar o problema socioeconômico enquanto não se procurar dirimir o problema da corrupção, do clientelismo, e não construir um Poder Judiciário transparente e independente. Vai depender de uma nova geração para que haja esse processo de transição”, enfatizou. Crise

A crise no Líbano se agravou após uma explosão, no porto de Beirute, em 4 de agosto de 2020 - provocando mais de duzentas mortes e devastando bairros inteiros da capital. Após o ocorrido, o PIB do país caiu 25% e a inflação subiu a 88%. A moeda local desvalorizou-se 85% desde o ano passado e hoje 100% da população depende, em algum nível, de ajuda humanitária para viver. ■



A elegante arquitetura de um palácio, unida aos encantos das paisagens proporcionadas pelo ponto mais alto de Goiânia.

Uma festa é sempre um espaço de confraternização e motivo de celebração de uma nova fase da vida. Por isso, a escolha do cenário é fundamental.

O **Clube Monte Líbano** é, sem dúvida, um dos lugares mais lindos de Goiânia, ideal para realizar sua comemoração.

Com localização privilegiada, instalações confortáveis, a mais bela vista da cidade e muito aconchegante, trata-se da melhor opção para eventos diferenciados.

CLUBE MONTE LIBANO

Avenida Santa Rita, Qd Clube,
L 0 Gleba 1/2, Jardim Petrópolis
74460-270 – Goiânia / GO
Tel: (062) 99100.3100



CAMILLO ASHCAR PROFISSÃO DE FE

Movido por seu amor pelo Direito e pela profunda consciência religiosa, o professor Camillo Ashcar deixou um legado social, político e espiritual que se projeta até hoje - em seu centenário - e além

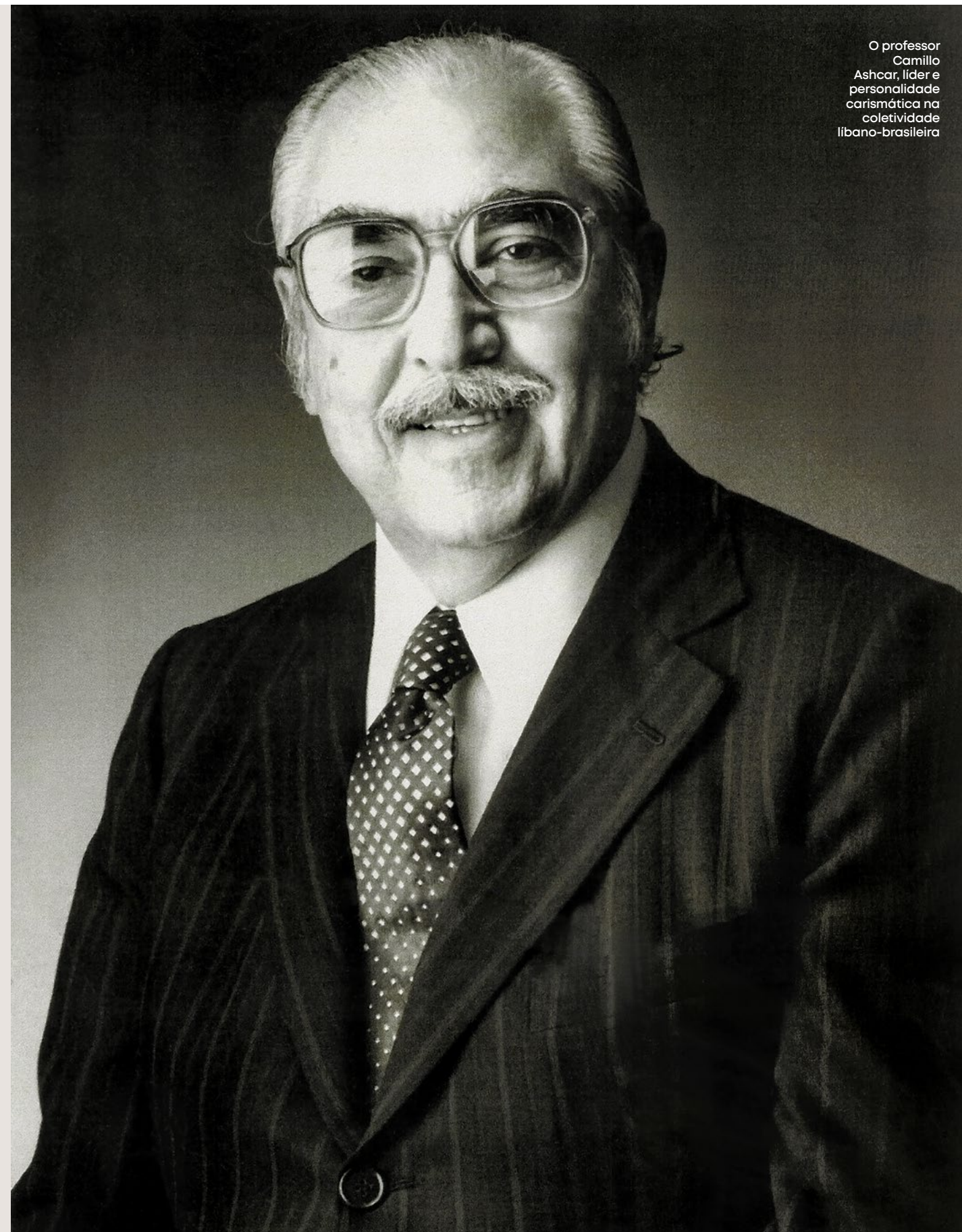
O professor Camillo Ashcar (1920-1996) construiu uma carreira sólida e prestigiosa nas áreas do Direito, na vida pública - foi vereador, deputado, ministro e presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo - como autor do setor jurídico e pregador evangélico. Sobretudo, prestou relevantes serviços como presidente da União Cultural Brasil-Líbano, no estreitamento dos laços socioculturais entre as duas nações. Daí a importância de se reverenciar sua memória e seus feitos um século depois de seu nascimento.

Paulistano nascido em 21 de outubro, ele era

um dos 12 filhos do casal de educadores Alfredo Ashcar e dra. Adelina Issa Ashcar. Estabelecidos por mais de meio século no estado de São Paulo, foram os fundadores e mantenedores da primeira escola primária destinada à educação dos filhos de imigrantes libaneses na capital paulista. Mérito reconhecido pelo governo do Estado, que deu seus nomes a dois grandes estabelecimentos de ensino na cidade.

Camillo herdou dos pais a vocação para a educação e o dom pela oratória. A princípio, considerou cursar engenharia na Escola Politécnica, porém alterou o rumo da formação superior em 1941, ingressando na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde concluiu o curso com rara

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



O professor Camillo Ashcar, líder e personalidade carismática na coletividade libano-brasileira

“Mestre na arte da oratória, participou de inúmeros congressos jurídicos, nacionais e internacionais”

distinção quatro anos depois. Começava ali uma longa trajetória de premiações, tendo conquistado, entre outros, o reconhecimento dos Instituto dos Advogados de São Paulo e da Associação dos Advogados de São Paulo.

Leccionou no tradicional Colégio Anglo-Latino e, em 1954, foi um dos professores fundadores da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, onde assumiu como titular da cadeira de Direito do Trabalho da Universidade Mackenzie, em 1957, lecionando durante quarenta anos.

Tornou-se membro do Instituto Latino-Americano de Direito do Trabalho e Segurança Social, sendo também autor de várias monografias jurídicas com destaque para a premiada “Leão XIII e o Direito Social Brasileiro”, “Estado e Direito” e “Sugestões para o Anteprojeto do Código de Obrigações”. A convite do Departamento de Estado norte-americano, realizou os estudos de “Direito do Trabalho Comparado”, em dezesseis universidades dos EUA.

Mestre na arte da oratória, participou de inúmeros congressos jurídicos, nacionais e internacionais, defendendo teses de sua especialidade. E, como presidente da União Cultural Brasil-Líbano - entidade onde atuou por mais de 30 anos - realizou quatro importantes congressos no Brasil, sendo o último presidido pelo presidente da República, João Baptista Figueiredo.

O trabalho à frente da União merece menção especial por lhe render homenagem ímpar: a condecoração com a Cruz de Cavaleiro do Cedro pelo governo libanês, tendo também convidado

para participar de dois congressos da União Libanesa Cultural Mundial, na capital Beirute. Sua visita ao País dos Cedros, em 1983, lhe proporcionou conhecer mais de perto a justiça da causa do povo libanês.

Em 1994, durante o Congresso Nacional, o professor foi aclamado com o cargo vitalício de presidente honorário da Federação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras, recebendo o prêmio Líbano Eterno.

Sua carreira político-parlamentar teve início em 1947, quando eleito vereador da cidade de São Paulo. Quatro anos depois chegou como deputado à Assembleia Legislativa, sendo reeleito por cinco vezes consecutivas, até 1967.

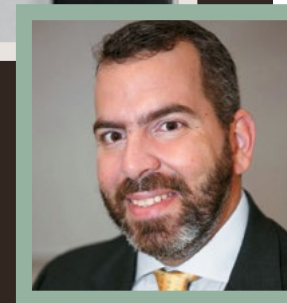
Como parlamentar estadual presidiu a Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia Legislativa e, depois de apresentar o “Anteprojeto de Reforma da Constituição do Estado de São Paulo”, foi nomeado presidente da Comissão Especial - que adaptou a Carta Paulista à Constituição brasileira de 1967. No ano seguinte tornou-se ministro do Tribunal de Contas do Estado, cargo que exerceu durante cerca de sete anos. Finalmente aposentou-se como presidente interino e efetivo daquela Corte.

Desde a juventude, o professor Ashcar se destacou como pregador evangélico, destacando-se como líder dessa congregação, sendo renomado autor de vários trabalhos e publicações de cunho espiritual e religioso.

Camillo Ashcar faleceu na sua cidade natal em 08 de outubro de 1996. Era casado com d. Clarisse Ashcar - desde 1944 - pai de cinco filhos e avô de onze netos. ■



O clã Ashcar: Camillo e Clarisse com os filhos e netos. No destaque, o neto Camilo Ashcar



DE GERAÇÃO A GERAÇÃO

“Nosso avô Camillo, de quem tive o privilégio de herdar o nome e sobrenome, foi um homem sério, amoroso e altamente determinado em todos os campos de sua vida. Acolhia a família e os empoderava, pregando sempre a cultura, os estudos e o sacerdócio como suas ferramentas para aprimoramento pessoal, profissional e espiritual.

Orador e professor nato, transmita seus conhecimentos com paixão e enorme acuidade, qualidades que continuam carregando seu nome na cultura do Direito e da política décadas após o seu falecimento. Pai e avô exigente e zeloso, marido devoto ao bem-estar e felicidade de sua esposa e fiel escudeira, Clarisse Ashcar - “a rainha da casa”, como ele carinhosamente a chamava.

Eu, Camillo Ashcar Neto, também sou advogado e busco todos os dias seguir os passos marcados pelo saudoso avô, professor Camillo Ashcar, assim como os ensinamentos do meu pai, Camillo Ashcar Junior, e minha tia, Célia Regina Ashcar, os quais

também seguiram carreira no Direito, advogando sempre com o mais alto comprometimento às suas causas e clientes, empregando excelência em suas técnicas profissionais. Se eu pudesse resumir o meu avô, professor e deputado Camillo Ashcar, diria vênica a ele para também citar: “Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda” (2 Timóteo 4:7-8). Seguimos firmes em nossa missão terrestre aplicando os aprendizados por ele deixados nessa busca contínua de evolução conosco e com nossos filhos. No caso do meu mais velho, que também se chama Camillo e hoje, com 6 anos, já diz querer ser advogado nas feiras escolares.

***Camilo Ashcar Neto é advogado**

EM HONRA AO PRESIDENTE DA REABERTURA DEMOCRÁTICA

Um resgate da fala do advogado e professor Camillo Ashcar, por ocasião da homenagem da comunidade libanesa ao presidente João Batista Figueiredo, em 1983. O discurso continua relevante, bem como os laços de amizade entre Brasil e Líbano

Em reconhecimento à gratidão e apreço expressados diversas vezes pelo então presidente da República, general João Batista de Oliveira Figueiredo (1919-1999), em relação à comunidade libanesa no Brasil, bem como o reconhecimento à soberania do povo do Líbano, foi promovida uma grande homenagem ao mandatário brasileiro no dia 6 de junho e 1983.

Contando com a presença de representantes de entidades líbano-brasileiras de 17 estados, o evento aconteceu no clube Atlético Monte Líbano, em São Paulo. A comissão organizadora era integrada por Leonardo Kehdi (presidente), Charles Lotfi, Georges Gazale, Constantino Cury, Elias Chede Junior, Hibraim Mimassi, Jorge Chammas Neto, Mário Germanos, Neme Cozman, Ramez Abou Rizk, Roberto Duailibi, Felipe Kheirallah Filho, Bertoldo Sallum e Camillo Ashcar.

Este último se encarregou do discurso feito em honra ao presidente - que também se destacava pelo trabalho na reabertura democrática do País - o qual Carta do Líbano relembra, destacando sua relevância ainda hoje, passados quase 40 anos.

“Honrado fui com a grata missão de saudar vossa

excelência, senhor Presidente João Figueiredo, em nome das entidades socioculturais da coletividade líbano-brasileira, nesta memorável homenagem que lhe é prestada sob a inspiração de leal amizade e reconhecida gratidão.”

“Em verdade, quem homenageia vossa excelência, senhor Presidente, é o Líbano. É o Líbano, representado pelos seus pioneiros imigrantes, que aqui aportaram há mais de um século, e pelos seus descendentes brasileiros, que hoje constituem uma distinta coletividade de quase cinco milhões de pessoas, que - em sendo maior que a densidade demográfica do Líbano - se aproxima do índice de quatro por cento da população do Brasil.”

“Constituímos uma ‘coletividade’ e não uma ‘colônia’, sociologicamente falando. Não somos um grupo social fechado, de origem, racial, formado por imigrantes que vieram estabelecer-se em terra estranha. Somos, na realidade, uma autêntica coletividade, isto é, um grupo social aberto que se adaptou harmonicamente ao país hospitaleiro que lhe franqueou as suas fronteiras, cujos costumes assimilou, cuja sociedade passou a integrar e de cuja história sonhou participar e continua participando.”

“Posso dar o meu testemunho pessoal porque, tendo a honra de ser brasileiro, sinto correr em minhas

veias o generoso sangue libanês, filho que sou de um modesto professor que há quase oitenta anos imigrou da Terra dos Cedros para a Terra de Santa Cruz.”

“Com satisfação, de alma aberta, reconhecemos que nobres virtudes são comuns aos povos do Líbano e do Brasil: a fé, o civismo, o espírito de bem servir, a vocação para a liberdade, a tradicional hospitalidade e a incontestável força da inteligência.”

“A história da imigração libanesa no Brasil compreende distintas e sucessivas fases. A fase pioneira ou heroica foi a dos ‘bandeirantes do comércio’. Caracterizou-se pelo trabalho árduo daqueles abnegados imigrantes que, de mala às costas, a pé ou no lombo de burro, rumaram para os sertões de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Levando com eles bens de consumo imediato - que vendiam ou trocavam - e que ajudaram a implantar um comércio incipiente, favorecendo a comunicação entre o campo, as vilas e os povoados.”

“A segunda fase foi a da integração social. Nas antigas vilas e povoados, que depois se transformaram em municípios. Ao lado da farmácia do Zé Boticário, da capela do padre Eusébio, da escolinha da mestra Maria, estava a lojinha do Salim, sempre disposto e solícito, contribuindo com seu trabalho e sua comunicatividade para a formação de novos grupos sociais, aos quais desde logo se integrou.”

“Seguiu-se-lhe a fase da consolidação. No comércio, na indústria, nas atividades econômicas, na vida financeira e no labor rural, projetaram os libaneses o seu ímpeto realizador e granjearam incontestáveis lideranças, inclusive nas entidades de classe.”

“Consequência natural foi a sua ascensão para a fase de projeção nas realizações sociais. Inspirados no espírito associativo e no desejo de bem servir, foram surgindo e se multiplicando os clubes desportivos, as associações beneficentes, as entidades culturais, os hospitais, as instituições de amparo à infância e à velhice, que hoje somam mais de três centenas em todo o território nacional. Inspirou-os o edificante lema espiritual: coisa mais bem-aventurada é dar do que receber, servir do que ser servido!”

“Finalmente, alcançou a coletividade líbano-brasileira a fase da conquista da cultura e do cultivo da ciência. Em progresso permanente, atingida a estabilidade econômica, passou a ser a mais elevada preocupação dos libaneses no Brasil o encaminhamento das gerações novas, isto é, de

seus descendentes brasileiros, para as riquezas da inteligência, para as fontes de cultura, fiéis à herança maior que receberam de seus ancestrais.”

“Sua mais legítima ambição passou a ser a formação cultural dos filhos e dos netos, preparando-os convenientemente para melhor servirem ao Brasil, retribuindo as muitas bênçãos recebidas na sua generosa pátria de eleição.”

“Deram seus filhos como gratidão ...

São brasileiros, com brilho nos olhos.

E um velho cedro em cada coração! “

“Se o libanês - como vossa excelência mais de uma vez já confidenciou - é amigo de seus amigos, vossa excelência é, reciprocamente, um grande amigo dos libaneses.”

“Em inúmeras oportunidades, em expressivas manifestações pessoais, reiteradas pela conduta cristalina da diplomacia brasileira, vossa excelência teve a coragem e a franqueza de hipotecar solidariedade aos ideais perenes do Líbano e expressar o respeito ao princípio da autodeterminação de seu povo e à intangibilidade de sua soberania. Ecoa ainda em nossos ouvidos o franco e corajoso discurso que vossa excelência pronunciou na memorável sessão da ONU, aos 27 de setembro de 1982, que, ainda uma vez, aplaudimos.”

“Não apenas por isso homenageamos vossa excelência. Somos testemunhas do perseverante esforço de vossa excelência na consagrada obra da reabertura democrática e da consolidação das instituições nacionais.”

“Não desconhecemos que o tempo é fator inarredável no reconhecimento histórico. Mas não hesitamos em afirmar, desde agora, que o Presidente da reabertura democrática já se consagrou nos fatos de nossa história. Receba, pois, senhor presidente João Figueiredo, esta merecida homenagem que, grata e comovida, lhe presta hoje a coletividade líbano-brasileira.”

“A QUEM HONRA, HONRA!”



*Nossas raízes são profundas.
União Cultural Brasil-Líbano*

O MAIOR GUERREIRO DO TURISMO BRASILEIRO

Um relato emocionado em homenagem a Michel Tuma Ness, o Michelão, personagem marcante do setor turístico nacional e fundador do lendário Clube do Feijão Amigo

POR GAITANO ANTONACCIO

Algumas vezes não é possível definir ou descrever um ser humano por meio de um simples artigo, uma reportagem ou mesmo um livro, tal a dimensão que a sua personalidade, bondade, carisma, solidariedade, simpatia e influência ocupam no espaço entre o seu coração e todos os que o amam. Eis que para fazer esta pequena homenagem a um gigante da vida e do amor ao próximo, foi penoso, considerando que tanta coisa aqui não foi dita e quantos feitos de sua vida não foi possível narrar.

Michel Tuma Ness, o querido Michelão brasileiro, nasceu no dia 1º de outubro de 1940, na cidade interiorana de São Paulo, de nome Poá. Filho de libaneses, sendo seu pai o senhor Tuma Miguel Ness e sua mãe, a senhora Adma Mussalém Ness, faleceu no dia 29 de junho de 2021. Era um ser humano sui generis e tanta falta vai fazer a todos nós, que não conseguiremos esquecer a sua forma de nos comandar na atividade que gira, essencialmente, em torno do prazer e da felicidade – o turismo. Morreu na data em que o Brasil religioso festeja o dia de São Pedro, uma festa santa e turística realizada de norte a sul, quando se fazem procissões fluviais e marítimas, para



FOTO: DIVULGAÇÃO

lembrar o maior dos pescadores que a humanidade conheceu.

Casado com a saudosa e querida Fátima Ness, pai de Alexandre, Marcelo e Fábio, nosso homenageado construiu uma família alicerçada no amor e no carinho que nutria cada um, que seguiram os passos do pai. Em Michel Tuma Ness tudo era grandioso a começar pela sua compleição física, com seus dois metros de altura. Seu coração era um ninho que agasalhava todo o amor que dedicava à sua querida esposa Fátima, mas ele dava seu jeito, e assim como a enorme mortadela que o acompanhava em todos os eventos que organizava - ao comemorar encontros no Clube do Feijão Amigo ou onde quer que fosse, até fora do Brasil - e costumava acomodar todos os amigos nesse mesmo coração que pulsando sem interrupções por sua Fátima, ela jamais se importou com essas pequenas locações que o marido permitia aos amigos. E assim dividia seu coração que, por fim, resolveu dar-lhe o descanso eterno, parando de bater, mesmo lotado de seres humanos.

Tornando-se um dos maiores nomes do turismo nacional por sua persistência, dedicação, esforço, renúncias, abnegação e paixão sem freios pela

natureza de Deus, Michelão dedicou toda a sua vida ao trabalho. Fez amizades em todos os ramos da atividade, conquistando confiança e prestígio que o tornaram capaz de perambular por todas as companhias aéreas nacionais ou mesmo internacionais, como se fosse um cliente padrão, além de permear entre os mais sofisticados hotéis da rede paulista, com extensões para todo o território nacional e exterior.

Michel não comprava passagens aéreas ou pagava hotéis, na quase totalidade das vezes em que viajava ou se hospedava. Era sempre um convidado querido, prestigiado, e quantas vezes quase o pagavam para que o grandalhão da simpatia turística nacional escolhesse tal e qual companhia ou hotel. Sua presença como cliente era garantia de preferência de quem com ele convivia. Sua simpatia irradiante contagiava funcionários, diretores e os que tivessem o privilégio de atendê-lo em suas incursões.

Depois de se inspirar no feijão como um alimento capaz de estabelecer amizades e bem-estar a qualquer ser humano, um dia imaginou que poderia criar um clube com o nome de Clube do Feijão Amigo, onde os convivas deliciassem o saboroso feijão,

No segmento turístico, Michel começou a vender pacotes para a Copa do Mundo de 1974, chegando a exercer o cargo de presidente da Transbrasil com uma passagem rápida

acompanhado simplesmente de ovos estrelados, bife, arroz e salada. E para manter um simbolismo do Clube, criou também um avental decorado com grãos de feijão e todos os convivas eram obrigados ao seu uso, tornando tudo um ritual simpático e acolhedor. Tendo conseguido contagiar centenas de amigos em São Paulo com essa ideia feliz, decidiu partir para os estados da federação e, mais do que de repente, Michel fundou o seu clube do coração em quase todo o Brasil, partindo em seguida para o exterior, chegando a América do Sul, Europa e Estados Unidos e vários outros países, mantendo a tradição da criação original. Onde quer que se fundasse um novo clube, comparecia com uma grande delegação de feijoeiros, conseguindo patrocínio da hotelaria nacional e grande redução no preço das passagens. O mais importante desta louvável iniciativa era o seu desprendimento, onde jamais ganhou um centavo nas milhares de festas que organizou. O Clube não possui estatuto e jamais cobrou dos seus mais de 400 mil associados espalhados pelo mundo. Embora no início a entidade só admitisse homens, com o tempo a força da mulher se impôs e hoje as festas são embelezadas ainda mais com a presença feminina, despejando elegância ao vestir o famoso avental com dois grãos de feijão bordados.

O autor deste artigo, presidente de Honra do Clube do Feijão Amigo do Amazonas, parceiro incontestável do Michel, fundou a filial de Manaus, sob o patrocínio do Tropical Hotel e por diversas vezes Michel visitou o estado para realizar novas festas do clube e homenagear pessoas, contando com minha colaboração para convidar autoridades e o trade turístico local. O sucesso era infalível. O lema

do clube dizia: “De um pé de feijão nasce uma grande amizade!”. Mas entre mim e Michel, certamente nasceu uma irmandade. Quando da morte de sua querida esposa Fátima, fiz-lhe uma homenagem com um acróstico que o emocionou. No setor de turismo sempre houve uma grande e recíproca amizade entre mim, Michel e Adel Auada, outro parceiro que comigo participa de academias de letras e nos correspondemos amiúde. Adel e Victor Daniel eram dois alicerces a sustentar em harmonia com Michel todas as vicissitudes de sua trajetória.

Depois de exercer várias atividades na vida, sendo engraxate aos nove anos de idade, passou posteriormente a vender alguns produtos como cintos, sapatos, máquinas e equipamentos, todos adquiridos na famosa rua 25 de março, em São Paulo, até ingressar no turismo, por meio de seu amigo de infância, o empresário Tasso Gadzanis, um notável presidente da Abav Nacional. Na última gestão de Tasso na entidade, o autor deste artigo foi eleito para membro efetivo do Conselho Fiscal e foi uma honra trabalhar com ele.

No segmento turístico, Michel começou a vender pacotes para a Copa do Mundo de 1974, chegando a exercer o cargo de presidente da Transbrasil com uma passagem rápida, durante apenas uma semana. Em seguida decidiu fundar no mesmo ano a sua própria empresa, a Status Operadora de Viagens, funcionando no Largo do Arouche, 290, 6º andar, mesmo local onde fundou o Clube do Feijão Amigo. A ideia nasceu, de acordo com o depoimento do próprio Michel, da seguinte forma: “Um dia, vi que os meus funcionários levavam a sua comida em latinhas. Então eu disse: ‘Amanhã ninguém mais vai trazer marmitta. Vamos

fazer almoço para todo mundo aqui!”. Informa ainda Michel: “Depois desse fato, muitos diretores de companhias aéreas iam almoçar comigo e não queriam ir a restaurantes. Sentiam o cheiro da comida e queriam comer ali mesmo. Foi então que surgiu a ideia de criar o Clube do Feijão Amigo, a fim de acolher a todos de forma carinhosa”.

O primeiro grande evento do clube fora das dependências da Status ocorreu no Maksoud Plaza, que havia sido inaugurado um pouco antes. Sem deixar de atuar na Status Michel sempre foi muito interessado em culinária, gostava de fazer comida com suas receitas preferidas, terminando por publicar um livro de Gastronomia, em 2015, quando incrementou a sua famosa mortadela, presente em seus eventos e feiras, participando nos estandes da empresa M&E.

Com a fundação da Federação Nacional do Turismo – FENACTUR, em 8 de março de 1990, foi eleito presidente e exerceu o cargo até sua morte, sendo repetidamente reeleito pelos seus pares, representando e defendendo a entidade aqui e no exterior, tornando o Brasil vitorioso em várias feiras de turismo nacionais e internacionais. Além desse honroso cargo, era membro titular do Conselho Nacional do Turismo e vice-presidente da Confederação Nacional do Turismo – CNTur. Colecionador de vários troféus e homenagens, foi reverenciado pelo seu trabalho em quase todas as capitais brasileiras e algumas cidades no exterior, com destaques para os diplomas: BTF (Brusseis Travel Fair), recebido em Bruxelas, em 1998; SITC (Salão Internacional de Turismo da Catalunha), Espanha, em 1998; BTL (Bolsa de Turismo de Lisboa), 2000/2001; FITUR (Feira Internacional de Turismo), em Madrid, em 2001; FIT (Feira Internacional de Buenos Aires), Argentina, em 2001. Ainda destacamos: Troféu Grande Líder do Turismo Brasileiro, do Ministério do Turismo de Jerusalém; Amigo da Cidade de Miami, da Prefeitura de Miami; Prêmio Internacional Ward of Tourism – Gol Helm, em Berlim, na Alemanha, em 1993; e Amigo de Jalisco, no México, em 1970.

Entre as premiações nacionais: Diploma de Cidadão Paulistano; Cidadão do Estado do Rio de Janeiro; Cidadão Goiano; Cidadão do Estado da Paraíba; Cidadão Honorário de Belo Horizonte; Cidadão Honorário de Salvador, Maceió, Curitiba,

Foz do Iguaçu; Medalha Anchieta de São Paulo; Personalidade do Turismo do Brasil, em 2007; Destaque do Turismo, em 1984 e 1992, pelo jornal “Última Hora”, RJ, além de um rosário de homenagens recebidas em Manaus, Amazonas, todas no Tropical Hotel de Manaus, sob meu testemunho.

Michelão sempre foi pródigo em cultivar amigos, receber e prestar homenagens. A lista de pessoas referenciadas pelo seu reconhecimento e gratidão daria um catálogo de troféus tão grande quanto um catálogo telefônico. Nos estados, era recebido com carinho pelos governadores que tiveram o privilégio de conhecer esse notável empreendedor, nenhum deles deixou de receber o troféu do Feijão Amigo e seria cansativo nominar aqui um a um. Aproveito apenas para dizer que fui um dos incluídos na sua lista de homenageados e da mesma forma o homenageamos em Manaus, Amazonas, com o trade turístico, em mais de uma vez. Inclusive, ele teve a gentileza de participar do Congresso Nacional de Skal Clubes do Brasil, realizado no Amazonas, quando o autor deste artigo era presidente do Clube em Manaus, em abril de 1993 e foi homenageado no majestoso Teatro Amazonas.

Para se ter uma ideia do seu discernimento e da sua grandeza espiritual, foram centenas de hotéis homenageados, agentes de viagens, categoria profissional que Michel sempre defendia com tenacidade, companhias aéreas, profissionais do turismo, autoridades governamentais ligadas ao setor e todos os membros associados do Clube do Feijão Amigo. Era comovente ver o prazer e a felicidade nos olhos do guerreiro grandalhão e tão cheio de ternura, quando ele homenageava qualquer amigo.

Contei com a colaboração de alguns amigos do Michel, para complementar esse artigo que saiu do fundo de minha alma e brotou do meu coração entristecido pela perda de um amigo indiscutivelmente honesto. ■

Gaitano Antonaccio é membro da Academia de Ciências e Letras Jurídicas do Amazonas, da Academia Brasileira de Ciências Contábeis, Academia de Letras do Brasil, Academia de Ciências, Letras e Artes do Amazonas, correspondente da Academia de Letras do Rio de Janeiro, do Instituto Geográfico e Histórico do Espírito Santo entre outras entidades

ABDALLAH GEORGES SLEIMAN

LIBANÊS APOSTOU NA EXPANSÃO IMOBILIÁRIA DE CAMPO GRANDE

Carta do Líbano lembra o empresário que foi chamado “turco louco” - por acreditar no desenvolvimento da Cidade Morena - e deixou sua marca no mercado imobiliário. Hoje sua memória é saudada como a de um dos responsáveis pelo progresso da região

Nascido em 15 de janeiro de 1936 na cidade de Jib-Jannin, no vale do Bekaa, o empresário Abdallah Sleiman chegou ao Brasil com 16 anos de idade, trabalhou duro e enxergou o futuro da expansão imobiliária em Campo Grande.

Investiu em seu sonho de modernidade da cidade e construiu mais de 700 casas e 4.000 apartamentos na Cidade Morena, com o cuidado de imprimir sua origem ao batizar seus empreendimentos. Ele faleceu no último dia 1º de junho - e foi sepultado no dia seguinte, no Parque das Primavera - deixando família, amigos e uma grande legião de admiradores.

Abdallah se tornou conhecido por criar o bairro

Monte Líbano, no ano de 1969, em uma das regiões historicamente mais nobres da capital: instalou meio-fio, calçadas, placas luminosas e lâmpadas de mercúrio. Tudo para atrair compradores, pois na época o local ficava muito longe do centro. Foi inclusive chamado de “Turco louco”, pela ousadia, numa época em que ninguém via o potencial de desenvolvimento da região. Usou toda a capacidade de negociação, presente no DNA libanês, convencendo a clientela de que o bairro viria a ser importante. E, com persistência, construiu várias casas e seu andamento ao negócio. “Tinha ruas, calçadas, mas ninguém morava. Hoje, as pessoas que compraram casas nesse bairro são gratas”, costumava dizer.

Abdallah Georges Sleiman foi um modelo de sucesso empresarial na história da sociedade em Campo Grande (MS)



FOTOS: ALBUM DE FAMÍLIA

Por trás de tantos feitos de sucesso, esconde-se um começo difícil. O adolescente deixou o Líbano e veio para o Brasil

A capacidade de enxergar o potencial de mercado o levou a vários empreendimentos de sucesso. Na área de loteamento e construção, entre tantas, está o residencial Jardim Europa, cerca de 400 casas na saída para Cuiabá. Com 300 casas aqui e 200 ali, sempre com muito trabalho e sem se preocupar em descansar aos finais de semana, deixou sua marca em construções de diversas partes da cidade. Da idealização de Abdallah, veio o primeiro shopping da capital de Mato Grosso do Sul, o Marrakech, lançado em 1989.

Por trás de tantos feitos de sucesso, esconde-se um começo difícil. O adolescente deixou o Líbano e veio para o Brasil tentar a sorte em um país desconhecido. “Sofri muito, mas graças a Deus, venci”, alegrava-se, destacando como a principal realização a de que muitas pessoas puderam construir suas vidas trabalhando em suas obras.

Desembarcou no Brasil com quatro dólares, muita coragem e vontade de trabalhar. Veio seguindo os passos do avô que já havia desbravado as terras brasileiras no século passado. Chegando ao país, comprou uma toalha por um dólar. Guardou o resto. E fez uma promessa a seu pai: iria trabalhar duro. Contava que passou 18 dias em Gênova, na Itália, antes de zarpar para cá. Durante os passeios, ia somente a lugares que não cobravam para entrar, como cemitérios, onde apreciava os mármore e granitos dos túmulos. A passagem para o Brasil, que custava cerca de 800 dólares, ganhou de um tio que morava nos Estados Unidos. Primeiro mandou 400 dólares e depois a outra metade que faltava.

Aqui, morou na casa de primos e trabalhava na loja deles, quando uma oportunidade comercial surgiu: um primo iria voltar para o Líbano e ele poderia comprar o ponto, fazendo um contrato estabelecendo que o devolveria em três anos. Porém, o primo desistiu de ir embora na última hora. Como tinha agora uma loja para administrar e nenhuma mercadoria, começou a ir todo mês para São Paulo, onde fazia compras. Em uma das viagens conheceu a família Abbud, com a qual se firmou nos negócios e na amizade. O que não sabia, até então, era que tratava com diretores da maior empresa de perfumaria da época, revendedores de marcas renomadas como os cremes dentais Colgate e Kolynos. Uma empresa com nome forte no mercado.

Então, as portas dos negócios se abriram para ele. O diretor da empresa lhe depositou confiança e foi prontamente correspondido. Sleiman ia às compras em diversos estabelecimentos e o amigo diretor assinava os recibos, como prova de credibilidade de seu potencial empreendedor. Lisonjeado e obstinado, Abdallah Sleiman trabalhava 18 horas por dia, inclusive aos finais de semana. “Não existia sexta, sábado ou domingo, eram todos dias normais de trabalho”, contava com orgulho.

Na rua 14 de Julho, então o coração comercial da capital, a Casa Popular e a Loja Popular abasteciam o então Mato Grosso uno com mercadorias de perfumaria vendidas no atacado, além de outros itens, com roupas e artigos de armarinho. A fim de oferecer bons preços, não



Abdallah Georges Sleiman e sua mulher, Marie Rose Jabbour, com quem se casou em 1972: companheiros no amor e na vida

*Abdallah se tornou conhecido por criar o bairro **Monte Líbano**, no ano de 1969, em uma das regiões mais nobres de Campo Grande*

faltavam estratégias: comprar um caminhão de mercadorias com desconto de 50 % ou mesmo usar a favor a inflação galopante da época, antecipando a compra. Mesmo as dificuldades do período – não existiam estradas e as mercadorias demoravam entre uma semana a 40 dias para chegar – não eram empecilhos para sua vontade de crescer nos negócios.

A sorte e a visão atenta às oportunidades eram suas companheiras fiéis. “Um dia, fazendo compras na José Paulino, em São Paulo, um judeu ofereceu um estoque de camisas boas e baratas que chegariam em 40 dias. Não tive dúvida, comprei cerca de 4.000 peças, eram caixas e caixas, cerca de 12 pacotes grandes. A única exigência feita pelo judeu era triplicar o valor para vendê-las. Com essas camisas, ganhei duas vezes mais o valor que havia investido”, lembrava.

A loja cresceu a tal ponto que passou a contar com 18 funcionárias para atendimento, um caminhão para o abastecimento e entregas de mercadorias em todo o estado. Mas o interesse pelo mercado imobiliário já despontava nesta mesma época, entre 1970 a 1975. Como conhecia muitas pessoas que já atuavam no ramo e apreciavam seu tino comercial, Sleiman começou a receber dicas. A cada dia, percebia que era um investimento promissor.

Começou com a compra de quatro a sete áreas que viraram seu primeiro loteamento. Os negócios em ebulição só não ofuscavam a saudade da família. Mais tarde, revelou: “Muitas vezes,

caminhava sozinho, às lágrimas, pelas ruas”.

Em 1972, quando voltou ao Líbano para uma visita, a segunda desde a mudança para o Brasil, conheceu Marie Rose Jabbour, que em cerca de um mês e meio se tornaria sua esposa. Após lua-de-mel no Egito, voltou para o Mato Grosso deixando a esposa no Líbano, à espera da regularização dos papéis de imigração. Mais uma vez, a sorte bateu em sua porta. Em um jantar, conheceu o responsável por agilizar os processos na Embaixada. Casaram-se em outubro daquele ano e em março ela já estava em terras brasileiras, como residente, com direito de permanência no país.

Marie encarou o Brasil como um novo começo, apesar do estranhamento quando comparava Campo Grande a Beirute, cidade onde nasceu e se criou. “Achava tudo muito defasado”, analisava ela. Quando conheceu Abdallah, se preparava para o vestibular e, uma vez instalada no Brasil, decidiu viver da melhor maneira até que fosse possível retornar à terra natal, o que o casal esperava que acontecesse em dois anos. No entanto, com o sucesso nos negócios imobiliários, os planos mudaram e eles adotaram o Brasil como segunda pátria, uma escolha da qual garantiam não ter se arrependido. De um adolescente solitário que lutava para viver, Abdallah passou a notório representante de seus patrícios, presidiu o Clube Libanês por 14 anos e construiu, além de casas, uma família, com duas filhas e um legado de desenvolvimento para toda uma grande capital brasileira. ■



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG


(31) 3299-3000

Cortes incríveis
que transformam
sua refeição
em um momento
inesquecível.



São Paulo
Rio de Janeiro
Brasília
Porto Alegre
Curitiba
Belo Horizonte
Recife
Goiânia
Campinas
Alphaville


Pobre Juan

pobrejuan.com.br |  / [restaurantepobrejuan](https://www.instagram.com/restaurantepobrejuan)